

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**Bússolas e Balanças na Parentalidade em Pais e Mães – A
Relação entre Sentido de Competência, Atribuições
Disfuncionais e Ajustamento Psicológico dos Filhos**

Joana Dos Santos Sampaio

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Área de Especialização em Psicologia Clínica e da Saúde–Psicologia Clínica Sistémica

2020

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**Bússolas e Balanças na Parentalidade em Pais e Mães – A
Relação entre Sentido de Competência, Atribuições
Disfuncionais e Ajustamento Psicológico dos Filhos**

Joana Dos Santos Sampaio

Dissertação orientada pela Professora Doutora Isabel de Santa Bárbara Narciso

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Área de Especialização em Psicologia Clínica e da Saúde–Psicologia Clínica Sistémica

2020

Agradecimentos

À **Professora Doutora Isabel Narciso** que com a sua imensa sabedoria aliada a um elevado grau de exigência soube guiar-nos neste longo percurso. O seu olhar empático, as suas palavras sinceras e compreensivas foram e serão sempre uma grande fonte de inspiração. Um sincero obrigada por ter sido a nossa “bússola”.

À **Professora Doutora Magda Sofia Roberto** pela sua indiscutível disponibilidade, sensibilidade e gentileza. Por todas as palavras carregadas de simpatia, doçura e motivação, assim como por toda a ajuda, essencial para levar esta dissertação a “bom porto”, o meu profundo agradecimento.

À minha **Mãe** pelo seu amor, apoio e “colo” incondicional. Por acreditar sempre em mim, quando eu mesmo não o fazia. Por ser um exemplo a seguir de generosidade, humildade e força. Um simples “obrigada” não chega para demonstrar a imensa gratidão que sinto.

Ao meu **Pai** pelo modelo exímio que é para mim, pelos seus valores e princípios, pela sua paciência e pelos seus sábios conselhos. Pela constante preocupação e proteção, por me ajudar sempre a encontrar o “norte”, um “obrigada” sem medida.

À minha querida **Mana** por me acompanhar, ouvir e apoiar independentemente de tudo. Por me ter presenteado com o **Cunhado** mais genuíno e amigável, e juntos ofereceram-me o melhor “presente” que alguém pode desejar. Por ser uma grande “Mana”, uma extremosa “Mãe” e uma “Mulher” exemplar. Um “obrigada” sem fim por seres o meu “anjinho da Guarda”.

Ao meu adorado **Sobrinho** por me encher o coração e me dar a conhecer uma nova forma de amor incondicional. A “tia borrega” promete que quando cresceres irá mostrar-te o que “tanto estudava”.

Ao meu **João** por ser o meu “porto de abrigo” em todas as horas. Por ser o meu grande apoio e verdadeiro “trevo de quatro folhas”. Por “estar” e “ser” uma presença constante, sempre com uma paciência e amor incomparáveis. “Gracias” por existires.

À **família e amigos** por compreenderem as minhas ausências, aceitarem as minhas imperfeições e pelo amor e carinho infindável que me transmitem.

*A todos os **casais** que tornaram possível este estudo. A todos aqueles com quem me cruzei neste percurso académico, a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a minha evolução profissional e pessoal, o meu mais sincero agradecimento.*

Resumo

O exercício do papel parental, pela responsabilidade e compromisso que exige relativamente à proteção, educação e cuidado, é marcado por inúmeras gratificações mas também fortes desafios, sendo influenciado por múltiplos fatores individuais (quer dos pais, quer dos filhos), parentais, familiares e extrafamiliares. No presente estudo, pretendeu-se analisar a relação entre variáveis comumente associadas ao sentido de competência parental – percepção de eficácia e satisfação -, atribuições disfuncionais parentais e a percepção dos pais sobre o ajustamento psicológico dos filhos, bem como explorar a similaridade inter-parental relativamente a tais variáveis. A amostra compreendeu 96 participantes, sendo eles 48 casais heterossexuais, com pelo menos um filho com idades compreendidas entre os 6 e os 12 anos. No que diz respeito aos instrumentos, foram utilizados: um Questionário Sociodemográfico, o *Parent Cognition Scale* - PCS, o Questionário de Satisfação Parental e Avaliação de Expetativas - QSPA, o *Parenting Sense of Competence Scale* - PSOC, e o *Strengths and Difficulties Questionnaire* - SDQ. Os resultados mostraram: associação negativa entre o sentido de competência parental - percepção de autoeficácia e satisfação parental - e o desajustamento psicológico dos filhos; associação entre atribuições disfuncionais das mães com foco na responsabilidade dos filhos e problemas de ajustamento psicológico nos filhos; quer nas mães, quer nos pais, associação negativa entre as atribuições parentais disfuncionais e sentido de competência parental; o efeito preditor da satisfação parental das mães e das atribuições disfuncionais das mesmas no ajustamento psicológico dos filhos; o efeito mediador das atribuições maternas disfuncionais na relação entre a satisfação das mães e o ajustamento psicológico dos filhos. Os casais apresentaram um perfil de semelhança no que diz respeito às atribuições disfuncionais parentais, à percepção de ajustamento psicológico dos filhos e à satisfação parental.

Palavras-chave: parentalidade, satisfação parental, atribuições disfuncionais parentais, ajustamento psicológico dos filhos, semelhança inter-parental.

Abstract

The exercise of parental role, for the responsibility and commitment it demands in relation to protection, education and care, is characterized by innumerable gratifications but also by strong challenges, being influenced by multiple individual (both from parents and children), parental, family and extra-family factors. In the present study, it was intended to analyze the relationship between variables commonly associated with the sense of parental competence - perception of efficacy and satisfaction -, parental dysfunctional attributions and the parents' perception of the psychological adjustment of the children, as well as to explore the inter-parental similarity regarding such variables. The sample comprised 96 participants, 48 being heterosexual couples, with at least one child aged between 6 and 12 years. Regarding the instruments, a Sociodemographic Questionnaire, the Parent Cognition Scale (PCS), the Parent Satisfaction and Expectation Assessment Questionnaire (QSPA), the Parenting Sense of Competence Scale (PSOC), and the Strengths and Difficulties Questionnaire (SDQ) were used. The results showed: negative association between the sense of parental competence - perception of self-efficacy and parental satisfaction - and the psychological maladjustment of the children; association between dysfunctional attributions of mothers focusing on the responsibility of the children and problems of psychological adjustment in the children; in both mothers and fathers, negative association between dysfunctional parental attributions and sense of parental competence; the predictive effect of parental satisfaction of mothers and their dysfunctional attributions on the psychological adjustment of the children; the mediating effect of dysfunctional maternal attributions on the relationship between the satisfaction of mothers and the psychological adjustment of the children. Couples presented a similarity profile in terms of parental dysfunctional attributions, the perception of psychological adjustment of the children and parental satisfaction.

Keywords: parenting, parental satisfaction, parental dysfunctional attributions, psychological adjustment of the children, inter-parental similarity.

Índice

Introdução.....	1
Sentido de Competência Parental e Ajustamento Psicológico dos Filhos.....	2
Atribuições Parentais e Ajustamento Psicológico dos Filhos.....	7
O Presente Estudo	10
Metodologia.....	12
Abordagem Metodológica e Desenho do Estudo	12
Questões de Investigação e Objetivos.....	12
Participantes.....	13
Procedimento de Recolha de Dados	19
Variáveis e Instrumentos	19
Análise de Dados	23
Resultados.....	25
Análise Bivariada: Caracterização do Perfil do Casal	25
Preditores do Ajustamento Psicológico: O Papel Mediador das Atribuições Parentais	27
Discussão	29
Limitações, Forças e Pistas para Estudos Futuros	34
Contributos e Implicações para a Intervenção	36
Conclusão	37
Referências Bibliográficas.....	39

Índice de Quadros

Quadro 1. Características Sociodemográficas dos Pais.....	15
Quadro 2. Características Sociodemográficas dos Filhos-Alvo.....	17
Quadro 3. Estatística descritiva e correlações bivariadas entre as variáveis em análise (N = 48).....	26

Índice de Figuras

Figura 1. Mapa conceptual.....	13
Figura 2. Coeficientes estandardizados para o modelo de mediação da satisfação parental das mães no ajustamento psicológico através das atribuições parentais com foco nos filhos (N= 48).....	28
Figura 3. Coeficientes estandardizados para o modelo de mediação da satisfação parental dos pais no ajustamento psicológico através das atribuições parentais com foco nos filhos (N= 48).....	28

Introdução

A parentalidade define-se como um conjunto de atitudes e ações conduzidas e executadas pelas figuras parentais, que têm como último fim promover o bom desenvolvimento dos filhos, recorrendo, para tal efeito, a recursos internos e externos à família (Cruz, 2014). Esse conjunto de atitudes e ações refletem-se numa emocionante experiência, repleta de gratificação e satisfação, sendo também extremamente complexa e desafiante (Coleman & Karraker, 1998; Meunier & Roskam, 2009). Segundo Bornstein (2016), todos os dias aproximadamente três quartos de um milhão de adultos embarcam nesta gratificante aventura de se tornarem pais, aventura essa, que, tal como sublinham Dunning e Giallo (2012), para além de prazeres, compreende dificuldades em diversas tarefas, tais como a gestão comportamental e emocional das crianças, a criação e preservação de rotinas e prestação de cuidados. O papel de pai e o papel de mãe exigem um grande compromisso de disponibilidade no que à proteção, educação e cuidado diz respeito, não existindo outro papel na sociedade com tais “exigências” de tempo e energia (Coleman & Karraker, 1998). O desempenho do papel parental e, portanto, a resposta a tais exigências, é influenciado por inúmeros fatores que influenciam o bem-estar, a saúde e o desenvolvimento dos filhos (Bornstein, 2016).

A parentalidade é, pois, determinada por múltiplos fatores, designadamente, os recursos psicológicos dos pais, as características das crianças e as fontes de stress e de suporte (Belsky, 1984), que interagem de forma recíproca e, conseqüentemente, têm impacto no desenvolvimento humano (Bronfenbrenner, 1979). Nessa senda, Belsky (1984) ressalva a importância do bem-estar e dos recursos psicológicos dos pais, pois revelam-se um “amortecedor” mais eficaz na relação de stress pai-filho do que as fontes contextuais de suporte ou do que as características da criança. As percepções que os pais têm acerca da sua competência no desempenho do papel de cuidadores, a satisfação que obtêm ao cuidar dos filhos, assim como a capacidade para manterem um equilíbrio entre este papel parental e outros papéis sociais, são fulcrais pois influenciam as práticas parentais e, conseqüentemente, o desenvolvimento das crianças (Bornstein, 2016). A qualidade do desempenho do papel parental tem, assim um grande impacto no ajustamento social, emocional e comportamental das crianças, revelando-se um dos principais preditores de problemas de ajustamento das mesmas (Galambos, Barker, & Almeida, 2003). O exercício do papel parental, para além de uma dimensão mais instrumental, nomeadamente a eficácia parental (Johnston & Mash, 1989), inclui,

segundo Bornstein (2016), duas dimensões particularmente importantes e com um forte impacto no bem-estar e ajustamento psicológico das crianças: afetiva, respeitante à empatia, comprometimento e consideração pelos filhos, bem como a satisfação parental; e cognitiva, referente ao “como, o quê, quando e o porquê” cuidar dos filhos, constituindo uma estrutura-base que influencia o modo como os pais compreendem, interpretam e explicam o comportamento dos filhos e o seu próprio comportamento e condiciona as suas práticas parentais. No âmbito das cognições parentais, Bornstein (2016) destaca três variáveis: as atitudes, as expectativas e as atribuições parentais. As atribuições parentais representam, assim, as explicações parentais face ao comportamento dos filhos, mediando a relação entre o comportamento das crianças e as respostas (afetivas e comportamentais) dos pais (Bornstein, 2016; Fernandes, Narciso, Pedro, & Roberto, 2019; Snarr, Slep, & Grande, 2009). Embora a literatura científica revele o interesse empírico do estudo das atribuições parentais, tanto quanto sabemos, são ainda escassos os estudos sobre atribuições disfuncionais.

Neste sentido, o presente estudo pretende compreender a relação entre sentido de competência parental (eficácia e satisfação parental), as atribuições parentais e o ajustamento dos filhos. Ainda no âmbito da relação entre tais variáveis, pretendeu-se também analisar as semelhanças inter-parentais em relação às variáveis parentais mencionadas e à perceção sobre o ajustamento psicológico dos filhos, uma vez que a revisão de literatura empírica efetuada revelou que as semelhanças vs. diferenças inter-parentais são, ainda, uma área pouco explorada.

Sentido de Competência Parental e Ajustamento Psicológico dos Filhos

O constructo competência parental é complexo pois, tal como referem Bornstein, Hendricks, Hahn, Haynes, Painter, e Tamis-LeMonda (2003), é composto por diversos componentes entre os quais a satisfação, o investimento, a autoeficácia e a exigência característica de um equilíbrio entre os diferentes papéis com que um adulto se depara na vida. Johnston e Mash (1989) realizaram estudos acerca das qualidades psicométricas da Escala de Sentido de Competência Parental (PSOC), onde a análise fatorial realizada demonstrou a existência de dois fatores: satisfação e eficácia. O primeiro fator remete para uma dimensão de cariz mais afetivo do sentido de competência parental, representando assim a subescala de satisfação sentida no exercício do papel parental. O

segundo fator refere-se à subescala de eficácia percebida correspondendo à vertente mais instrumental do exercício da parentalidade. Assim, pode entender-se que o sentido de competência parental abrange pelo menos dois elementos que se relacionam entre si, sendo um deles o sentido de autoeficácia, e o outro, a satisfação que decorre do exercício do papel parental (Ohan, Leung, & Johnston, 2000).

A “satisfação parental”, segundo Oliveira e Costa (2005), é um conceito bastante complexo, abrangente e subjetivo, referindo que este influencia as atitudes dos pais perante os filhos, bem como a sua relação com eles. A percepção de autoeficácia parental é um construto cognitivo importante associado ao funcionamento da criança e da própria família, na medida em que abarca as crenças dos pais relativamente às suas capacidades e competências para influenciar os filhos e também sobre o contexto que os rodeia (Ardelt & Eccles, 2001; Jones & Prinz, 2005). Coleman e Karraker (1998) explicam que, as crenças de autoeficácia parental - relativamente estáveis ao longo do tempo - incluem uma avaliação do grau aproximado em que os pais reconhecem ser capazes, ou não, de levar a cabo diversas tarefas associadas à parentalidade (e.g., o conhecimento relativo às respostas mais adequadas no cuidar dos filhos; a confiança nas próprias capacidades e competências na realização de tarefas; a crença de que os filhos irão corresponder contingentemente; a crença no apoio e suporte do contexto envolvente).

Em relação a dimensões específicas das funções parentais, a investigação de Seabra-Santos, Major, Pimentel, Gaspar, Antunes, e Roque (2015) mostrou que a percepção de eficácia dos pais face às necessidades afetivas e emocionais dos filhos tem um grande impacto na promoção do seu sentido de eficácia global. Por sua vez, os pais que se auto percecionam como mais eficazes no lidar com as obrigações de disciplina e ensino, sentem-se mais satisfeitos com o exercício da parentalidade. Similarmente, Ferreira, Monteiro, Fernandes, Cardoso, Veríssimo, e Santos (2014) constataram que as percepções de autoeficácia parental nos domínios específicos da disciplina, do ensino e do estabelecimento de limites parecem ter um impacto significativo na satisfação global com a parentalidade.

Vários autores analisaram particularmente a relação entre sentido de autoeficácia e variáveis demográficas. O estudo de Ferreira et al. (2014) revelou que as mães, comparativamente com os pais, percecionam-se com um sentido de autoeficácia geral mais elevado, particularmente, tal como resultados já anteriormente reportados por

Meunier e Roskam (2009), nos domínios específicos da ternura, valorização, responsividade empática e, por fim, disponibilidade emocional. Por outro lado, os pais tendem a sentir-se mais eficazes no domínio da disciplina comparativamente com as mães, retratando-se como responsáveis pela “chefia” da família (Meunier & Roskam, 2009). Ferreira et al. (2014) observaram que mães mais velhas tendem a perceber-se como sendo menos eficazes em domínios de cuidados face às necessidades afetivas das crianças, nomeadamente nos domínios supracitados (ternura, valorização, responsividade empática e disponibilidade emocional), acrescentando a esses também a vertente da brincadeira. Este estudo permitiu ainda constatar que quanto mais velhas as mães, menor a perceção de eficácia que os pais têm, assim como quanto mais velhos os pais, menor o sentido de eficácia das mães. O estudo de Meunier e Roskam (2009) sugere ainda que o suporte social e a coparentalidade percebida têm um maior impacto na autoeficácia dos pais do que nas mães. Contudo, Ngai, Chan, e Ip (2010), verificaram que, em contexto de pós-parto, as mulheres mais jovens apresentaram menos probabilidades de se sentirem competentes e satisfeitas no exercício da parentalidade. Os autores explicam estes resultados pelo facto de as mulheres mais velhas demonstrarem mais destreza para lidar com as tarefas de desenvolvimento das crianças, e menor propensão para desenvolver sintomas depressivos.

Considerando variáveis demográficas relativas aos filhos, Seabra-Santos et al. (2015) concluíram que os pais tendem a sentir-se mais eficazes no desempenho do papel parental com filhos do sexo feminino, comparativamente com os filhos do sexo masculino, sendo que o mesmo fenómeno já tinha sido observado no estudo de Ohan et al. (2000). Tal pode ser explicado pelo facto de os pais perceberem o comportamento dos seus filhos do sexo masculino como mais desafiantes, colocando assim mais à “prova” as suas competências parentais (Seabra-Santos et al., 2015).

O estudo de Seabra-Santos et al. (2015) evidenciou ainda uma perceção de menor eficácia por parte das mães com o aumento da idade dos filhos, o que, de acordo com os autores, pode ser atribuído ao maior grau de autonomia dos filhos e também ao facto de os pais enfrentarem mais dificuldades ao nível do acompanhamento académico, na medida em que as tarefas escolares vão sendo progressivamente caracterizadas por maior complexidade. Similarmente, Nomaguchi (2012) constatou que pais com filhos menores de 5 anos apresentam uma maior satisfação na relação com os filhos, maior eficácia, maior autoestima e menores níveis de depressão do que pais com filhos em idade escolar

ou na adolescência. De acordo com o autor, embora pais de crianças em idade pré-escolar possam ter uma sobrecarga de papéis devido à exigência das rotinas diárias e dos cuidados infantis, acrescido da dificuldade em conciliar o trabalho com as responsabilidades parentais, tais exigências podem ter um menor impacto no seu bem-estar psicológico do que conflitos interpessoais e psicológicos decorrentes de problemas comportamentais ou envolvimento em comportamentos de risco mais comuns quando os filhos estão em idade escolar ou na adolescência. Pelo contrário, os resultados de Meunier e Roskam (2009) revelaram que os pais se demonstravam mais confiantes nas suas capacidades e com um maior sentido de eficácia quando as crianças tinham idades superiores a 5 anos do que quando estas eram mais novas. Os autores justificam os resultados sublinhando a disciplina como um domínio extremamente exigente para pais de crianças em idade pré-escolar, enquanto que crianças mais velhas já apresentam mais capacidades de autorregulação.

Outros estudos especificamente focados na compreensão de fatores que afetam a satisfação parental, mostram também o papel positivo da motivação para a parentalidade (Ross-Plourde & Basque, 2019) e negativo da instabilidade emocional e neuroticismo (Bornstein et al., 2003), bem como o relevo da conciliação vs. conflito trabalho-família, designadamente a carga horária de trabalho profissional (Ferreira et al., 2014; Pereira, Vieira, & Matos, 2017).

Um estudo recente de Latham, Mark, e Oliver (2018) com cerca de 153 casais com filhos gémeos destaca também a influência da perceção positiva sobre a coparentalidade no sentido de competência parental, não havendo um padrão de associação diferente para mães e para pais. Ou seja, quando os membros do casal se sentem apoiados, e não prejudicados pelo parceiro, consideram que o exercício da parentalidade é mais fácil de gerir, sentindo-se mais preparados e com as competências necessárias para ser um bom pai ou uma boa mãe.

Latham et al. (2018) também verificaram que a perceção parental de comportamentos inadequados e disruptivos dos filhos se associa a níveis mais baixos de sentido de competência parental. No mesmo sentido, Ardel e Eccles (2001) constataram, num estudo anteriormente realizado, que os pais tendem a reportar menos capacidade para enfrentar e lidar com os desafios da parentalidade, quando as crianças apresentam

comportamentos disruptivos, revelando, assim, dificuldade em manter um elevado nível de sentido de competência parental.

Diversos estudos empíricos têm demonstrado que a auto-percepção dos pais sobre o desempenho do seu papel parental, sobre a sua eficácia, bem como satisfação parental podem ter um impacto direto ou indireto no ajustamento dos filhos (Bornstein et al., 2003; Coleman & Karraker, 1998; Jones & Prinz, 2005; Shumow & Lomax, 2002), o que se explica pelo facto de estarem positivamente associados a uma parentalidade mais calorosa e responsiva (e.g., Bornstein et al., 2003; Bornstein, Hendricks, Haynes, & Painter, 2007; Coleman & Karraker, 1998).

Jones e Prinz (2005) mostraram o papel preditor do sentido de competência parental na saúde e desenvolvimento socio-emocional das crianças, bem como no uso de práticas parentais mais adequadas. Coleman e Karraker (1998), por exemplo, concluíram que pais com baixos níveis de sentido autoeficácia tendem a ceder mais rapidamente a birras do filho, em vez de assumirem uma posição firme e mostrarem à criança que tais comportamentos negativos não são os mais adequados.

No que se refere ao impacto específico na criança, os resultados de um estudo de Grady e Karraker (2016) e de Seabra-Santos et al. (2015) revelaram, respetivamente, a associação de emocionalidade negativa e de comportamentos desafiantes da criança a níveis mais baixos de sentido de competência dos pais. No mesmo sentido, Angley, Divney, Magriples, e Kershaw (2015) verificaram, mais recentemente, a associação de níveis baixos de sentido de competência parental a futuros resultados psicossociais adversos nos filhos. O estudo de Meunier e Roskam (2009) revelou também a relação entre maior percepção de eficácia parental e menores níveis de problemas de externalização, internalização, e maior competência social dos filhos. O estudo de Bor e Sanders (2004) corrobora o supramencionado, uma vez que os resultados apontam para que níveis mais baixos de autoeficácia parental em mães de crianças em idade pré-escolar estão associados a níveis mais elevados de comportamentos desadaptativos e disruptivos nos filhos. A investigação de Weaver, Shawa, Dishion, Melvin, e Wilson (2008) que pretendia perceber o papel da depressão das mães na percepção que estas têm de eficácia parental, mostrou que as características depressivas das mães, como o afeto triste e o sentimento de inutilidade e incompetência, são o “veículo” através do qual os baixos níveis de autoeficácia parental provocam comportamentos disruptivos nas crianças.

É, assim, possível compreender o impacto do sentido de competência parental, mais concretamente da autoeficácia e da satisfação parental, na vida das crianças. Para além dos fatores supramencionados, também cognições como as atribuições parentais, assumem um forte relevo no exercício da parentalidade e no ajustamento dos filhos (Bornstein, 2016).

Atribuições Parentais e Ajustamento Psicológico dos Filhos

Os pais percebem e interpretam o comportamento dos filhos através de estruturas cognitivas, sendo as práticas parentais a expressão das cognições (Bornstein, 2016). As atribuições parentais face ao comportamento dos filhos representam um vasto conjunto de julgamentos e explicações – influenciados por múltiplos fatores, designadamente a cultura (Bornstein, Putnick, & Lansford, 2011) - como forma de compreender, avaliar e antecipar o comportamento dos filhos (Beckerman, Van Berkel, Mesman, & Alink, 2017; Colalillo, Miller, & Johnston, 2015; Miller, 1995). Tais atribuições têm um forte impacto nas respostas emocionais e comportamentais das crianças e, conseqüentemente, na qualidade das relações familiares (Bugenta, Blue, & Cruzcosa, 1989; Colalillo et al., 2015).

As atribuições podem ser organizada em duas categorias, causais e de responsabilidade (Weiner, 1995), sendo que as primeiras fazem referência às explicações dadas para a ocorrência de determinada situação e as segundas aludem à natureza da responsabilidade de determinado evento (Snarr et al., 2009). As atribuições causais podem classificar-se segundo quatro dimensões: *estabilidade* (estável vs. instável), *locus* (interno vs. externo), *generalidade* (geral vs. específico) e, finalmente, *controlabilidade* (controlável vs. incontrolável). As atribuições de responsabilidade, por sua vez, podem ser classificadas segundo três dimensões: *motivação* (o porquê de ação), *intenção* (intencional vs. acidental) e, por fim, *justificabilidade* (se a ação é justificável/ admissível, tendo em conta o contexto) (Fernandes et al., 2019; Snarr et al., 2009).

Segundo a literatura empírica, as atribuições, que se inserem na esfera das cognições parentais, têm demonstrado ser de grande relevo na vida das crianças, uma vez que parecem mediar as respostas comportamentais e afetivas dos pais perante o comportamento dos filhos (Dix & Grusec, 1985; Fernandes et al., 2019; Snarr et al.,

2009). Quando os comportamentos das crianças são inadequados, negativos e percebidos como intencionais (tais comportamentos ocorrem de acordo com a vontade da criança), estáveis (permanecem no tempo) e controláveis (a criança conseguiria evitá-los) (Dix, 1991; Dix & Grusec, 1985), demonstram-se particularmente stressantes para os pais. Alguns autores têm verificado que particularmente em contextos de desvantagem económica e social, tais atribuições negativas estão associadas a práticas parentais fortemente hostis, o que, conseqüentemente, contribui para o desenvolvimento e manutenção de problemas comportamentais nas crianças (Mattek, Harris, & Fox, 2016).

A investigação empírica tem mostrado diversos resultados que evidenciam a associação entre atribuições parentais, inadequado exercício da parentalidade e problemas no desenvolvimento comportamental e emocional da criança. No estudo de Snarr et al. (2009), focado no desenvolvimento e validação de uma medida de autorrelato de atribuições disfuncionais parentais – atribuições de causalidade aos pais e atribuições de responsabilidade aos filhos -, verificou-se a associação de atribuições parentais disfuncionais a maiores níveis de agressividade pais-filhos, a parentalidade permissiva, disciplina impositiva e hostil, maior probabilidade de problemas de externalização nas crianças, assim como a funcionamento emocional parental pobre (com sintomas depressivos e mais expressões de zanga). Para além disso, os autores mostraram uma associação negativa entre as atribuições parentais disfuncionais e a satisfação parental, ou seja, quanto maior a disfuncionalidade das atribuições parentais, menor era satisfação por parte dos pais.

No estudo de Dix, Ruble, Grusec, e Nixon (1986) acerca das cognições parentais, os resultados mostram que os pais fazem cada vez mais inferências sobre o comportamento dos filhos, à medida que a idade das crianças avança. Segundo os autores, isso pode dever-se ao facto de os pais se aperceberem do desenvolvimento do conhecimento e das capacidades das crianças, assim como do aumento do controlo sobre os seus próprios comportamentos. O estudo mostrou ainda que os pais veem os comportamentos de altruísmo da criança como mais estáveis e controláveis, do que o comportamento inadequado das mesmas. No sentido da controlabilidade dos comportamentos infantis, na recente investigação de Jacobs, Woolfson, e Hunter (2017), onde foram analisadas as atribuições parentais e as práticas parentais em pais de crianças com e sem problemas de desenvolvimento, foram apresentados resultados que mostram que os pais de crianças sem problemas de desenvolvimento veem os filhos como tendo

mais controlo sobre o próprio comportamento, fazendo assim atribuições mais disfuncionais que se relacionam positivamente com práticas parentais mais disfuncionais.

A investigação de Colalillo et al. (2015) mostrou que as atribuições parentais se relacionavam significativamente com problemas comportamentais de externalização e internalização nos filhos, verificando-se ainda o papel preditor das atribuições parentais disfuncionais de responsabilidade da criança em problemas desta natureza. Para além de corroborar com os dados da investigação anterior, o estudo de Fernandes et al. (2019) mostrou, no que diz respeito a diferenças de género, resultados que apontam para mais relatos de atribuições disfuncionais focadas na responsabilidade da criança nas mães, do que nos pais. Os autores acrescentam que, o facto de as crianças apresentarem comportamentos negativos e inadequados, desafia a perceção que os pais têm da sua eficácia, amentando, conseqüentemente, a frustração dos mesmos e contribuindo para um exercício negativo da parentalidade. Assim, e iniciando um processo de causalidade circular, o sentimento de frustração e a perceção de ineficácia parental percebida, ao contribuírem para práticas parentais mais negativizadas, podem “amplificar” os problemas das crianças e reforçar as atribuições focadas na criança (Fernandes et al., 2019).

Segundo um estudo de Enlund, Aunola, Tolvanen, e Nurmi (2015) sobre as atribuições causais dos pais nas situações diárias de aprendizagem, as atribuições alteram-se sistematicamente conforme os pais observam um desenvolvimento no desempenho dos filhos. O estudo apresenta ainda resultados que mostram que quanto mais emoções positivas os pais experienciam em situações específicas, maior é a atribuição do sucesso dos filhos às capacidades e esforços dos mesmos. Os autores concluem que as emoções positivas dos pais contribuem para que o *feedback* diário que é dado à criança seja positivo, tendo assim impacto na visão otimista dos pais acerca do esforço e capacidade da criança.

Em suma, as atribuições que os pais fazem relativamente ao comportamento dos filhos, têm sido reconhecidas como uma cognição parental com um forte impacto na vida das crianças, uma vez que orientam as interpretações e as expectativas parentais relativamente aos filhos, influenciando direta ou indiretamente as relações pais-filhos (Enlund et al., 2015; Snarr et al., 2009).

O Presente Estudo

Na presente dissertação pretende-se, através de um estudo com casais parentais com pelo menos um filho entre os seis e os 12 anos, contribuir para o aprofundamento e enriquecimento do conhecimento acerca da relação entre sentido de competência parental, atribuições disfuncionais parentais e ajustamento psicológico dos filhos bem como sobre a similaridade inter-parental relativamente a tais variáveis. Assim, e com base na revisão de literatura efetuada, é esperado que:

H1 – quanto maior for o sentido de competência parental – percepção de autoeficácia e satisfação parental -, quer das mães quer dos pais, menos problemas apresentará a criança, traduzindo um melhor ajustamento psicológico (Bor & Sanders, 2004; Meunier & Roskam, 2009);

H2 – em pais e mães, as atribuições disfuncionais com foco na responsabilidade da criança e com foco na causalidade dos pais, se associem positivamente a problemas nas crianças, ou seja, refletindo um menor ajustamento psicológico da criança (Colalillo et al., 2015; Fernandes et al., 2019; Mattek et al., 2016; Snarr et al., 2009);

H3 – em pais e mães, as atribuições disfuncionais se associem negativamente ao sentido de competência parental (percepção de autoeficácia e satisfação parental) (Fernandes et al., 2019; Snarr et al., 2009);

H4 – em pais e em mães, a percepção de eficácia, a satisfação parental e as atribuições disfuncionais de causalidade dos pais e de responsabilidade dos filhos, são preditores do ajustamento psicológico dos filhos (Angley et al., 2015; Ardel & Eccles, 2001; Bor & Sanders, 2004; Colalillo et al., 2015; Jones & Prinz, 2005; Meunier & Roskam, 2009; Snarr et al., 2009);

H5 – as atribuições parentais (do pai e da mãe) desempenham um papel mediador na relação entre satisfação parental (do pai e da mãe) e o ajustamento psicológico da criança (percebido pelo pai e pela mãe) (Dix & Grusec, 1985; Enlund et al., 2015; Fernandes et al., 2019; Snarr et al., 2009).

Adicionalmente, e uma vez que, a revisão de literatura realizada não abrangeu estudos empíricos suficientes sobre similaridade inter-parental, optamos por formular uma questão exploratória:

Q1 – Verificar-se-á similaridade inter-parental relativamente ao sentido de competência parental (perceção de eficácia e satisfação parental), às atribuições disfuncionais e à perceção de ajustamento psicológico dos filhos?

Metodologia

Abordagem Metodológica e Desenho do Estudo¹

Tendo como pano de fundo o enquadramento temático supracitado, segue-se a descrição da estratégia metodológica do presente estudo. Trata-se assim, de um estudo de cariz quantitativo com desenho metodológico transversal, centrado na parentalidade e no ajustamento psicológico dos filhos. Assenta-se no paradigma pós-positivista, sobre um olhar ontológico de realismo crítico, segundo o qual a apreensão de um fenómeno é apenas aproximada, ou seja, imperfeita, dada a complexa natureza dos fenómenos e o facto de o ser humano os apreender através das suas inevitáveis “lentes” interpretativas (Guba & Lincoln, 1994).

Questões de Investigação e Objetivos

O presente estudo tem como ponto de partida a seguinte questão de investigação: *“De que forma é que as variáveis parentais cognitivas (sentido de competência parental - eficácia e satisfação parental - e atribuições parentais) se relacionam com a parentalidade e o ajustamento psicológico dos filhos? Que semelhanças vs. diferenças inter-parentais se verificam”*.

Desta forma, o presente estudo tem como objetivo geral (ver Figura 1 relativa ao Mapa Conceptual) compreender a relação entre as variáveis: sentido de competência parental - eficácia e satisfação parental -, as atribuições parentais e o ajustamento dos filhos, em casais que vivam em contexto normativo com filhos pequenos (6-12 anos), tendo sido definidos os seguintes objetivos específicos: (1) analisar o perfil de semelhança intra-casal nas diversas variáveis; (2) analisar as associações entre as variáveis supramencionadas; (3) analisar o contributo do sentido de competência (perceção de eficácia e satisfação parental) e das atribuições disfuncionais na perceção de ajustamento psicológico dos filhos; (4) analisar o papel mediador das atribuições parentais (da mãe e

¹ O presente estudo enquadra-se numa investigação que decorre no âmbito do Doutoramento de Cátia Nunes (Programa de Doutoramento Inter-Universitário entre a FPUL e a FPCE-UC, em Psicologia Clínica, especialidade de Psicologia da Família e Intervenção Familiar), focado na parentalidade e, particularmente, em atribuições parentais e ajustamento psicológico dos filhos, com o intuito de contribuir para o aprofundamento do conhecimento científico neste domínio.

do pai) na relação entre satisfação parental (da mãe e do pai) e o ajustamento dos filhos (percebido pela mãe e percebido pelo pai).

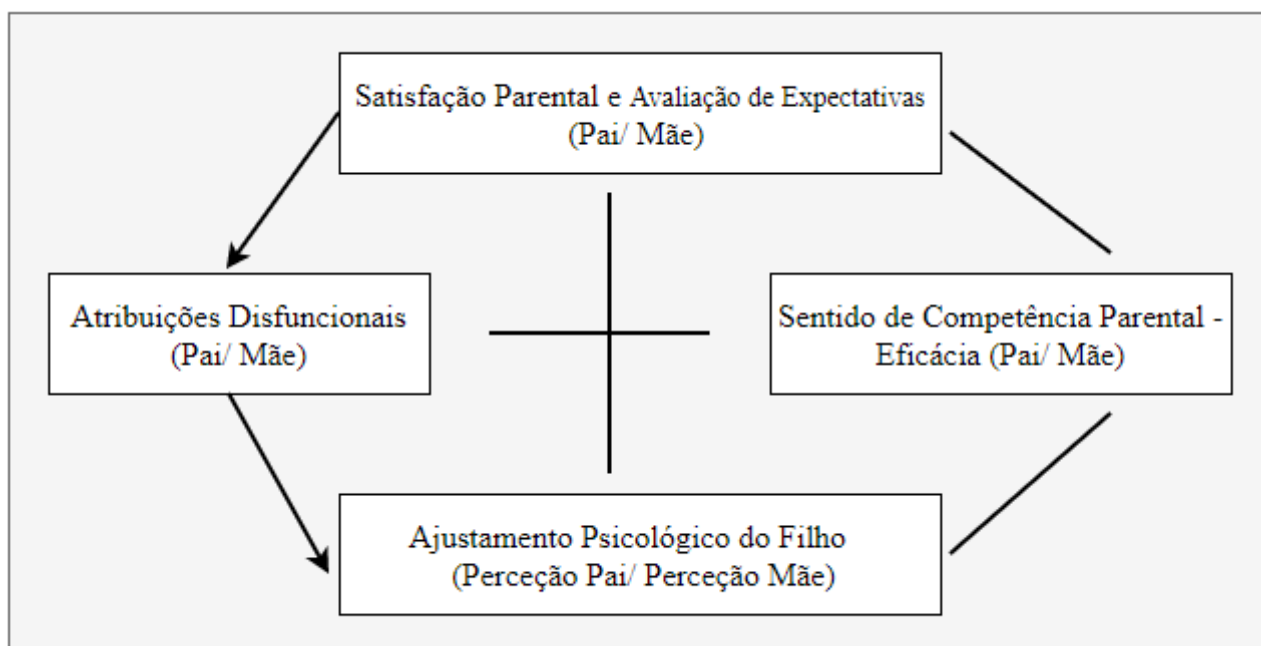


Figura 1. Mapa conceptual das variáveis em estudo: Satisfação Parental e Avaliação de Expectativas (Pai e Mãe), Atribuições Disfuncionais (Pai e Mãe), Sentido de Competência parental (pai e Mãe), Ajustamento Psicológico do Filho (Perceção Pai e Perceção Mãe), Sexo do Filho.

Participantes

A amostra do presente estudo inclui um total de 96 participantes, sendo que desses, 48 (50%) são homens e os restantes 48 (50%) são mulheres, perfazendo assim um número final de 48 casais heterossexuais. Destes 48 casais, 81.3% eram casados e 18.7% viviam em união de facto (ver Quadro 1).

No que diz respeito à idade, os participantes do sexo masculino tinham uma idade compreendida entre os 34 e os 58 anos de idade ($M = 42.88$; $DP = 5.350$), enquanto as participantes do sexo feminino tinham idades compreendidas entre 32 e 52 anos ($M = 41.04$; $DP = 4.695$) (ver Quadro 1). A grande maioria dos participantes deste estudo, mais precisamente 93.7%, são de origem portuguesa. Apenas 2 participantes eram de origem estrangeira (Brasil e Alemanha) (ver Quadro 1). Note-se, ainda, que um dos participantes

não respondeu à questão da naturalidade. Quanto à área de residência do casal, 4.2% são da zona norte, 20.8% da zona centro-norte, 72.9% da centro-sul, sendo que um dos casais não reportou a área de residência (ver Quadro 1). Quanto aos participantes do sexo masculino, 97.9% são de etnia caucasiana e um deles não respondeu à questão da etnia, enquanto que, das participantes do sexo feminino 89.6% são de etnia caucasiana, 6.2% africana e duas participantes não responderam (ver Quadro 1).

Ao nível da escolaridade, 4.2% das mães e 8.3% dos pais têm entre 5 e 6 anos de escolaridade, 6.2% das mães e 16.7% dos pais têm entre 7 a 9 anos de escolaridade, 14.6% das mães e 31.3% dos pais têm entre 10 a 12 anos de escolaridade, 4.2% das mães e 8.3% dos pais frequentaram a universidade (ver Quadro 1). Onde se verifica a maior discrepância entre mães e pais é na licenciatura, onde os valores são 54.1% e 29.2%, respetivamente. Relativamente ao mestrado, 12.5% das mães e 6.2% dos pais o tinham. Por fim, apenas 4.2% das mães relataram “outros” nas habilitações literárias (ver Quadro 1).

No que à situação laboral atual diz respeito, 83.3% das participantes do sexo feminino trabalham por conta de outrem, 12.5% são trabalhadoras independentes, 2.1% encontram-se desempregadas e 2.1% relatam estar noutra situação (ver Quadro 1). Relativamente aos participantes do sexo masculino, 68.8% trabalham por conta de outrem, 18.8% são trabalhadores independentes, 6.2% estão em situação de desemprego e, por fim, 6.2% relatam estar noutra situação atualmente (ver Quadro 1).

A maioria dos participantes do sexo feminino (93.8%) e dos participantes do sexo masculino (77.1%) são crentes, no que à religiosidade diz respeito (ver Quadro 1). A maioria dos participantes (93.8% dos homens e 93.8% das mulheres) não reportou nenhuma doença crónica. No que se refere ao acompanhamento psicológico, 70.8% das mães e 89.6% dos pais relatam nunca ter tido acompanhamento, enquanto que 22.9% das mães e 6.2% dos pais afirma ter tido acompanhamento no passado e, finalmente, 2.1% das mães e 2.1% dos pais afirmam ter acompanhamento atualmente (ver Quadro 1). Importa referir que duas mães e apenas um pai não responderam à questão do acompanhamento psicológico (ver Quadro 1).

Em relação ao número de filhos, os casais que participaram neste estudo tinham entre 1 e 5 filhos ($M = 2.17$; $D P = .996$) (ver Quadro 1). Quando o casal tinha mais que um filho em comum, com idade compreendida na faixa etária definida para este estudo,

entre 6 e 12 anos, era solicitado que respondessem ao protocolo baseando-se na experiência parental que cada um tem com o filho mais novo (i.e., filho-alvo). Deste modo, dos filhos-alvo (idade $M = 8.58$ anos e $DP = 1.832$), 54.2% são do sexo masculino e 45.8% são do sexo feminino (ver Quadro 2). A grande maioria dos filhos-alvo são filhos biológicos do casal (97.9%), verificando-se apenas uma situação de adoção (ver Quadro 2). No que à escolaridade diz respeito, 4.2% dos filhos-alvo ainda não tinham ingressado no primeiro ciclo, 20.8% encontravam-se no 1º ano, 10.4% no 2º ano, 20.8% no 3º ano, 6.3% no 4º ano de escolaridade, 25% no 5º ano, 8.3% no 6º ano e, finalmente, 4.2% encontravam-se no 7º ano à data do presente estudo (ver Quadro 2). Por fim, 62.5% dos filhos alvos não tinham nenhum tipo de apoio, no entanto, os restantes dividem-se entre apoio escolar (29.2%), apoio psicológico (6.2%) e terapia da fala (2.1%) (ver Quadro 2).

Quadro 1.

Características Sociodemográficas dos Pais.

	Mãe	Pai	Mães e Pais
	(n=48)	(n=48)	(n=96)
	n (%)	n (%)	n (%)
<i>Idade</i> (M/DP)	41.04 (4.695)	42.88 (5.350)	41.96 (5.091)
<i>Etnia</i>			
Caucasiana	43 (89.6)	47 (97.9)	90 (93.8)
Africana	3 (6.2)	-	3 (3.1)
<i>Habilitações Literárias</i>			
0 a 4 anos de escolaridade	-	-	-
5 a 6 anos de escolaridade	2 (4.2)	4 (8.3)	6 (6.2)
7 a 9 anos de escolaridade	3 (6.2)	8 (16.7)	11 (11.5)
10 a 12 anos de escolaridade	7 (14.6)	15 (31.3)	22 (22.9)

Frequência universitária	2 (4.2)	4 (8.3)	6 (6.2)
Licenciatura	26 (54.1)	14 (29.2)	40 (41.7)
Mestrado	6 (12.5)	3 (6.2)	9 (9.4)
Doutoramento	-	-	-
Outras	2 (4.2)	-	2 (2.1)
<i>Situação Laboral</i>			
Trabalhador por conta de outrem	40 (83.3)	33 (68.8)	73 (76)
Trabalhador independente	6 (12.5)	9 (18.8)	15 (15.6)
Desemprego	1 (2.1)	3 (6.2)	4 (4.2)
Outra	1 (2.1)	3 (6.2)	4 (4.2)
<i>Situação Conjugal</i>			
Casada(o)	-	-	39 (81.3)
União de facto	-	-	9 (18.7)
<i>Religiosidade</i>			
Crente	45 (93.8)	37 (77.1)	82 (85.4)
Não crente	3 (6.2)	11 (22.9)	14 (14.6)
<i>Doença crónica</i>			
Sim	3 (6.2)	3 (6.2)	6 (6.2)
Não	45 (93.8)	45 (93.8)	90 (93.8)
<i>Acompanhamento psicológico</i>			
Nunca	34 (70.8)	43 (89.6)	77 (80.2)

No passado	11 (22.9)	3 (6.2)	14 (14.6)
Atualmente	1 (2.1)	1 (2.1)	2 (2.1)
<i>Número de Filhos</i>			
1	12 (25)	11 (22.9)	23 (24)
2	25 (52.1)	24 (50)	49 (51)
3	6 (12.5)	7 (14.6)	13 (13.5)
4	4 (8.3)	5 (10.4)	9 (9.4)
5	1 (2.1)	1 (2.1)	2 (2.1)

Quadro 2.

Características Sociodemográficas dos Filhos-Alvo.

Filho-Alvo	
Filiação	
Biológico	47 (97.9)
Adotado	1 (2.1)
Enteado	-
Sexo	
Feminino	22 (45.8)
Masculino	26 (54.2)

Idade	
6 anos	9 (18.8)
7 anos	6 (12.5)
8 anos	9 (18.8)
9 anos	6 (12.5)
10 anos	10 (20.7)
11 anos	6 (12.5)
12 anos	2 (4.2)

Escolaridade	
Jardim de Infância	2 (4.2)
1º ano	10 (20.8)
2º ano	5 (10.4)
3º ano	10 (20.8)
4º ano	3 (6.3)
5º ano	12 (25)
6º ano	4 (8.3)
7º ano	2 (4.2)

Apoios Regulares	
Escolar	14 (29.2)
Psicológico	3 (6.2)
Pedopsiquiátrico	-
Terapia da Fala	1 (2.1)
Nenhum	30 (62.5)

Procedimento de Recolha de Dados

Para a recolha de dados da amostra foram selecionados casais, casados ou em união de facto, com pelo menos um filho em comum com idade compreendida entre os 6 e 12 anos de idade. A recolha de dados decorreu entre novembro de 2019 e abril de 2020, tendo sido seguida a estratégia de amostragem por conveniência com recurso ao método “bola de neve”.

Primeiramente, foram feitos diversos contactos individuais de modo a obter o número máximo de aplicações presenciais. Após esse levantamento, começaram as aplicações presenciais em contexto de domicílio. Antes de darem início ao preenchimento tanto do consentimento informado como do protocolo em si, os participantes eram esclarecidos acerca da finalidade do estudo, da duração do preenchimento protocolo (cerca de 30 minutos), da importância de responderem individualmente, ressaltando, por fim, a confidencialidade e o anonimato das respostas. Os pais foram ainda informados de que deveriam ambos responder relativamente ao mesmo filho com idade compreendida entre 6 e 12 anos, e, no caso de terem mais do que um filho nessa faixa etária, teriam de responder ao protocolo tendo como base a sua experiência parental com o filho mais novo (i.e., filho-alvo).

Devido à situação de pandemia vivida à data do presente estudo (Covid-19), onde o contacto presencial entre pessoas era restrito, surgiu a necessidade de recolher protocolos através de outro meio. Deste modo, os protocolos (bem como as informações, esclarecimentos e consentimento informado) foram adaptados de forma a poderem ser enviados via e-mail, tendo sido adicionado o pedido de que os membros do casal não dialogassem sobre as suas respostas antes e durante o preenchimento do protocolo.

Apenas o questionário sociodemográfico e quatro instrumentos do protocolo de investigação da doutoranda Cátia Nunes foram incluídos no presente estudo, sendo descritos no seguinte subtópico.

Variáveis e Instrumentos

Questionário de Dados Sociodemográficos. A aplicação deste questionário teve como objetivo a recolha de informações sociodemográficas sobre o participante e os seus

filhos, nomeadamente, sexo do participante, idade, nacionalidade e naturalidade, zona de residência habitual, identificação étnica, habilitações literárias, situação profissional, situação conjugal, agregado familiar atual, religiosidade, situação de saúde, assim como algumas questões acerca dos filhos (e.g., filiação, sexo, idade, escolaridade, se são filhos do atual companheiro, com quem habitam,).

Atribuições Parentais Disfuncionais. De modo a avaliar as atribuições parentais disfuncionais relativamente ao comportamento inadequado dos filhos, recorreu-se à Parent Cognition Scale – PCS (Snarr et al., 2009; Versão Portuguesa: Fernandes et al., 2019). Este instrumento de autorrelato avalia as atribuições parentais disfuncionais relativamente ao mau comportamento dos filhos nos últimos dois meses, sendo composto por duas subescalas, uma referente às atribuições parentais disfuncionais focadas na responsabilidade da criança (e.g., “*O meu filho não consegue perceber as regras*”), e a outra às atribuições parentais disfuncionais com foco na responsabilidade dos pais (e.g., “*É difícil, para mim, ouvir realmente o meu filho*”). Esta escala é constituída por 30 itens, onde a resposta do participante é dada numa escala de *Likert* de 6 pontos, em que 1 corresponde a “Sempre Verdade” e 6 a “Nunca Verdade”. Conforme recomendação dos autores originais (Snarr et al., 2009), os itens deste instrumento foram invertidos, de modo a que resultados mais elevados signifiquem atribuições parentais mais disfuncionais.

No estudo de Fernandes et al. (2019), onde foi feita a adaptação deste instrumento para a população portuguesa, a análise de confiabilidade mostrou valores de *alfa de Cronbach*, relativamente às subescalas das atribuições parentais disfuncionais com foco na responsabilidade da criança e de causalidade com foco nos pais, respetivamente de .90 e .81 para as mães e de .88 e .85 para os pais.

No que ao presente estudo diz respeito, a consistência interna apresentou valores de *alfa de Cronbach* de .88 e .80 para as mães e de .79 e .66 para os pais, respetivamente nas subescalas de atribuições parentais disfuncionais com foco na responsabilidade da criança e de causalidade com foco nos pais.

Satisfação Parental e Avaliação de Expectativas. De modo a avaliar a satisfação dos pais relativamente ao comportamento dos filhos (e.g., “*O comportamento do[a] meu[minha] filho[a] é...*”), ao seu desempenho no papel parental (e.g., “*Relativamente ao desempenho do meu papel de pai[mãe], sinto-me...*”) e à relação que têm com os filhos (e.g., “*A relação que tenho com o[a] meu[minha] filho[a] é...*”), foi utilizado o

Questionário de Satisfação Parental e Avaliação de Expectativas – QSPA (Narciso & Vieira-Santos, validação em curso). Este instrumento é composto por 6 itens avaliados através de duas escalas de *Likert* de 5 pontos: três itens focados na avaliação de expectativas parentais onde 1 corresponde a “Muito Pior do que Esperava”, e 5 a “Muito Melhor do que Esperava”; três itens focados na avaliação da satisfação parental onde 1 corresponde a “Muito Insatisfeito(a)”, e 5 a “Muito Satisfeito(a)”.

Em relação ao presente estudo, a consistência interna da escala da Satisfação Parental mostrou valores de *alfa de Cronbach* de .83 para as mães e de .85 para os pais.

Sentido de Competência Parental. Foi utilizada a *Parenting Sense of Competence Scale* – PSOC (desenvolvida por Gibaud-Wallston & Wandersman, 1978 e mais tarde reformulada por Johnston & Mash, 1989; Versão Portuguesa: Seabra-Santos et al., 2015), para avaliar a auto-perceção global de competência parental, assim como as duas dimensões que a compõem, a eficácia e a satisfação parental. Assim, este instrumento de autorrelato é constituído por 17 itens organizados em duas subescalas, uma referente à Eficácia, que pretende refletir o grau em que os pais se sentem competentes (e.g., “*Eu daria um excelente modelo a seguir por uma nova mãe [um novo pai], para que pudesse aprender o que é necessário para ser uma boa mãe [um bom pai]*”), e a outra referente à Satisfação, que pretende demonstrar em que medida os pais se sentem satisfeitos com o seu papel parental (e.g., “*Se ao menos ser mãe/pai fosse mais interessante, eu estaria mais motivada/o para fazer um bom trabalho nessa função*”). As respostas dos participantes são dadas através de uma escala de *Likert* de 6 pontos, em que 1 corresponde a “Concordo Plenamente” e 6 a “Discordo Totalmente”. Conforme recomendação dos autores da versão portuguesa (Seabra-Santos et al., 2015), os itens 1, 6, 7, 10, 11, 13, 15 e 17 foram invertidos, de modo a que valores mais altos correspondam a uma maior perceção de eficácia e satisfação parental.

No estudo de Seabra-Santos et al. (2015) em que foram desenvolvidos estudos psicométricos com o fim de sustentar a utilização deste instrumento em Portugal, com uma amostra de 436 participantes, maioritariamente mães (82%), os valores de consistência interna para o total de 16 itens, para a subescala eficácia (7 itens) e para a subescala satisfação (9 itens) foram, respetivamente, .76, .75 e .72, respetivamente.

No presente estudo, a análise de confiabilidade mostrou valores de *alfa de Cronbach* de .83, .69 e .76 para as mães e de .86, .73 e .78 para os pais, respetivamente

para o total (16 itens), para a subescala de eficácia e para a subescala de satisfação parental.

Ajustamento Psicológico dos Filhos. Com o fim de avaliar o ajustamento psicológico dos filhos, segundo a perceção dos pais, recorreu-se ao Strengths and Difficulties Questionnaire (SDQ) (Goodman, 1997; Versão Portuguesa: Fleitlich, Loureiro, Fonseca, & Gaspar, 2004), versão portuguesa adaptada para os pais. Este instrumento é composto por 25 itens, organizando-se através de cinco subescalas, cada uma composta por 5 itens: Sintomas Emocionais, Problemas de Comportamento, Hiperatividade, Problemas de Relacionamento com os Colegas, e Comportamento Pró-Social. A partir de quatro subescalas enunciadas anteriormente, podem ser criadas duas subescalas principais. Assim sendo, os sintomas emocionais juntamente com os problemas de relacionamento com os colegas perfazem a subescala de problemas de internalização (e.g., *“Anda muitas vezes triste, desanimado ou choroso”*; *“Dá-se melhor com os adultos do que com outras crianças”*), e os problemas de comportamento juntamente com a hiperatividade perfazem a subescala de problemas de externalização (e.g., *“Enerva-se muito facilmente e faz muitas birras”*; *“É irrequieto, muito mexido, nunca para quieto”*). As respostas dos participantes são dadas através de uma escalas de Likert de 3 pontos, sendo que 0 representa “Não é Verdade”, 1 “É um pouco Verdade” e, por fim” 2 “É muito verdade”, com exceção dos itens invertidos que são cotados no sentido inverso (itens invertidos: 1, 4, 7, 9, 11, 14, 17, 20, 21 e 25).

No estudo de Fleitlich et al. (2004), foi feita a tradução e adaptação deste instrumento para a população portuguesa, onde foram revelados níveis adequados de consistência interna das subescalas, mostrando valores do *alfa de Cronbach* superiores a .52 com exceção da subescala de Problemas de Relacionamento com os Colegas ($\alpha = .46$).

No presente estudo, apenas foi utilizado o score relativo ao total de problemas (internalização mais externalização), tendo a análise da consistência interna revelado os seguintes valores de *alfa de Cronbach*, respetivamente para as mães e para os pais: .75 e .69.

Análise de Dados

O processo de análise de dados foi dividido em 5 etapas: primeiro, começou-se por averiguar a percentagem de não respostas presentes nos dados e o seu padrão para determinar qual a estratégia de imputação a ser utilizada; em seguida, avaliou-se a consistência interna das variáveis em causa; numa terceira fase, efetuou-se a análise descritiva e correlacional dessas variáveis; posteriormente, analisou-se o perfil global do casal; e, por último, estimaram-se os modelos de predição e de mediação do ajustamento psicológico dos filhos.

O presente estudo apresenta uma percentagem de não-respostas que varia entre 2.1% para o ajustamento psicológico e atribuições parentais e 6.3% para o sentido de competência parental. Os itens referentes à variável satisfação parental apresentam casos completos. O resultado do teste de Little (Little, 1988) foi não significativo ($\chi^2 (1544) = .00, p > .99$), ilustrando que o registo de não-respostas presentes neste estudo segue um padrão completamente aleatório (MCAR: *missings completely at random*). Este padrão é essencial para permitir a aplicação de uma estratégia de imputação que permita trabalhar com a totalidade dos casos. Em seguida, analisou-se a sua distribuição normal através dos gráficos Q-Q. Especificamente, a concentração de pontos que remete para a diferença entre os valores observados e os esperados com base no pressuposto de uma distribuição normal (gráfico *detrended* Q-Q) foi em torno de 0, sugerindo que os dados observados tendem a seguir esta distribuição. Com estes elementos, a estratégia de imputação aplicada foi de imputação com a média da escala.

Relativamente ao passo seguinte, onde se analisou a consistência interna das variáveis aplicando-se o alfa de Cronbach, considerou-se existir evidência de fiabilidade para valores de alfa superiores a .60 (Nunnally & Bernstein, 1994). Os valores de alfa foram calculados para os scores da mãe e para os scores do pai.

A análise descritiva das variáveis foi efetuada através da apresentação das suas médias (*M*) e desvios-padrão (*DP*). Estes valores foram estimados para os scores da mãe, e para os scores do pai. Estes elementos foram, também, considerados na análise das correlações bivariadas estimadas pelo coeficiente de correlação de Pearson (*r*). A aplicação deste coeficiente permitiu, ainda, aferir a semelhança intra-casal medida através da correlação de perfil global (CPG) ilustrativa do casal. Estas correlações avaliam a congruência entre os scores apresentados pela mãe e os scores apresentados pelo pai.

Valores de correlação negativos sugerem um perfil intra-casal de oposição entre os scores dos elementos da díade, enquanto uma correlação positiva ilustra um perfil de semelhança (Luo, Chen, Yue, Zhang, Zhaoyang, & Xu, 2008). Para avaliar a dimensão das correlações, seguiram-se as indicações propostas Cohen (1988), onde correlações inferiores a .30 são consideradas fracas e superiores a .50 ilustram um padrão de associação forte.

Finalmente, a estimação dos modelos de predição e de mediação foi feita através de uma análise de trajetórias. A opção pela aplicação de modelos de equações estruturais decorreu da necessidade de se assegurar que a análise dos dados era feita, garantindo a modelagem dos scores por díade, estimando-se os efeitos do ator e do seu parceiro, ilustrativas da sua dependência. Para a estimação dos efeitos indiretos necessários para identificar a presença de mediação, os erros padrões foram submetidos a *bootstrap* de 5000 amostras. A significância dos efeitos indiretos foi dada por obtenção de valores *p* inferiores a .05.

Em função da dimensão da amostra considerou-se para cada preditor introduzido no modelo de análise de trajetórias 10 participantes (Miller & Kuncze, 1973), incluindo-se os preditores cujo CPG apresentou maior evidência de semelhança intra-casal, expressa pela dimensão da correlação de Pearson (Knofczynski & Mundfrom, 2008) e respetiva significância. Dada a complexidade acrescida subjacente à análise diádica e à estimação de modelos de mediação, procurou garantir-se a parcimónia dos modelos, efetuando as análises por mediador, reduzindo o número de efeitos indiretos a serem estimados em simultâneo. A escolha da abordagem de modelos de equações estruturais permitiu, também, incluir nos modelos o erro de medida fortalecendo a estimação do modelo de mediação quando comparado com um modelo de regressão linear tradicional (Iacobucci, Saldanha, & Deng, 2007).

Para a análise dos dados recolhidos, recorreu-se ao software estatístico *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 26.0 (IBM, SPSS Inc., Armonk, NY) para efetuar as componentes descritiva e correlacional das variáveis em análise. No sentido de se estimarem os modelos de predição e mediação do ajustamento psicológico através da análise de trajetórias utilizou-se o software R, nomeadamente o pacote lavaan (Rosseel, 2012) desenhado para estimar modelos de equações estruturais.

Resultados

Análise Bivariada: Caracterização do Perfil do Casal

Os resultados ilustram correlações positivas, de intensidade moderada a forte e significativas para o casal, em particular para as variáveis ajustamento dos filhos e satisfação parental. Ao nível do casal, não se verificou uma associação significativa entre os scores de competência parental. No caso da mãe, todas as correlações foram moderadas a fortes e significativas, o que não sucedeu no caso do pai, cujas correlações entre os scores SDQ e as atribuições não foram significativas. A variável sexo do filho alvo não apresentou uma associação significativa com os restantes indicadores (ver Quadro 3).

Quadro 3.

Estatística descritiva e correlações bivariadas entre as variáveis em análise (N = 48)

	<i>M(DP)</i>	1	2	3	4	5	6
<i>M(DP)</i>		3.79(.53)	2.61(.72)	2.31(.60)	8.41(4.0)	3.99(.58)	-
1 SPC Total	3.80(.47)	.28	-.42**	-.60***	-.42**	.62***	.24
2 PCS Filhos	2.89(.95)	-.45**	.43**	.62***	.24	-.43**	-.25
3 PCS Pais	2.41(.73)	-.65***	.51***	.32*	.22	-.45**	-.15
4 SDQ Total	9.19(4.67)	-.44**	.67***	.33*	.64***	-.34*	-.26
5 QSPAЕ	3.85(.61)	.31*	-.51***	-.46**	-.54***	.54***	.23
6 Sexo	-	.09	-.19	-.21	-.24	.10	-

Nota. Valores acima da diagonal representam médias e desvios-padrão para as variáveis do pai e correlações entre as variáveis do pai. Valores abaixo da diagonal representam médias e desvios-padrão para as variáveis da mãe e correlações entre as variáveis da mãe. Na diagonal estão representadas as correlações entre casal. *** $p < .001$; ** $p < .01$; * $p < .05$.

Preditores do Ajustamento Psicológico: O Papel Mediador das Atribuições Parentais

Como referido, a seleção das variáveis para a segunda fase de análises foi feita com base na dimensão das correlações intra-casal, ou seja, em função da maior evidência de semelhança, garantindo um rácio de 10 participantes por preditor. Para tal, selecionou-se a satisfação parental (QSPA) e as atribuições parentais com foco nos filhos (PCS Filhos) enquanto preditores do ajustamento psicológico dos filhos (SDQ). Especificamente, a satisfação parental dos pais desdobrada em satisfação parental da mãe e satisfação parental do pai foram introduzidas enquanto variáveis predictoras em dois modelos de mediação: um modelo para as atribuições parentais da mãe com foco nos filhos e outro para as atribuições parentais do pai com foco nos filhos. Os modelos estimados, como previsto em função da dimensão da amostra e graus de liberdade iguais a 0, foram modelos saturados os quais apresentam o melhor ajustamento possível por representarem todas as variâncias, covariâncias e médias. Cada modelo de mediação levou à estimação de 4 efeitos indiretos, facilitando a sua convergência e parcimónia.

Os resultados ilustram que um acréscimo nos níveis de satisfação da mãe e do pai, está associado a menor disfuncionalidade das atribuições da mãe com foco nos filhos (ver *Figura 2*). Verificou-se, também, que níveis mais elevados de atribuições disfuncionais estão associados a maior desajuste psicológico dos filhos, quer percebido pela mãe, quer pelo pai. Os níveis de satisfação da mãe revelaram-se, também, associados a menor desajuste psicológico dos filhos percebido pela mãe. No que concerne aos efeitos indiretos verificou-se a significância de dois efeitos que contribuem para um decréscimo do nível de desajuste psicológico, ou seja, os níveis de satisfação da mãe mais elevados estão associados a um decréscimo de atribuições da mãe com foco nos filhos, gerando de forma indireta um decréscimo de desajuste psicológico percebido quer pela mãe, quer pelo pai ($SDQ_{Mãe}: \beta = -.21, EP = .83, p = .048$; $SDQ_{Pai}: \beta = -.19, EP = .59, p = .034$).

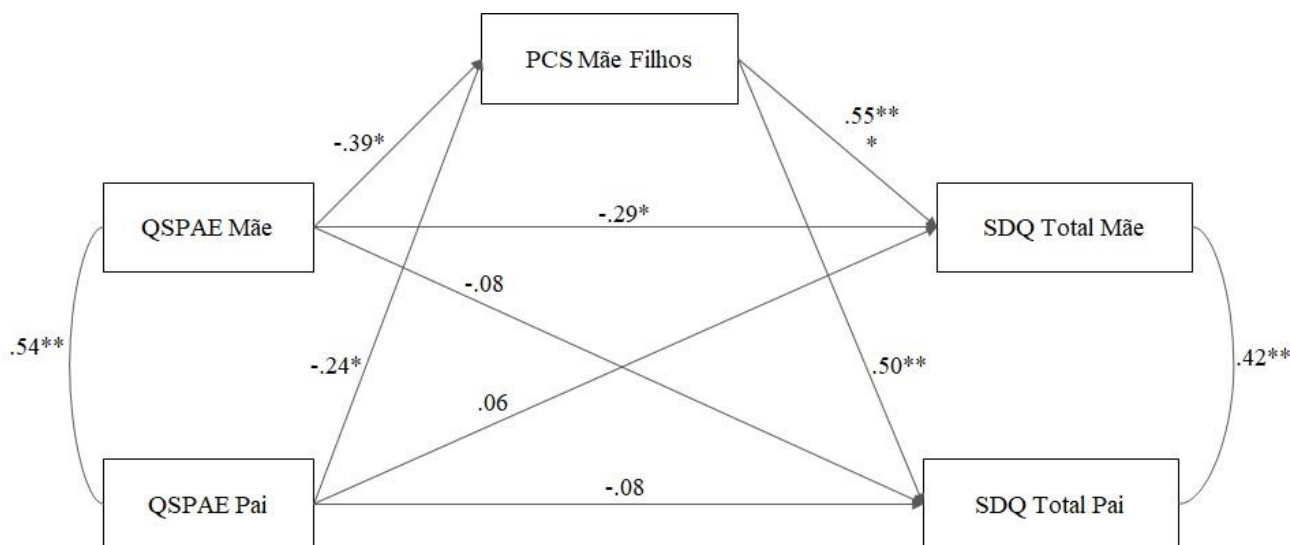


Figura 2. Coeficientes estandardizados para o modelo de mediação da satisfação parental das mães no ajustamento psicológico através das atribuições parentais com foco nos filhos (N= 48).

Quando se focam as atribuições dos pais com foco nos filhos, não se verificam efeitos indiretos significativos (ver Figura 3). Em termos de predição, apenas duas relações foram significativas, nomeadamente níveis de satisfação do pai mais elevados estão associados a um decréscimo de disfuncionalidade das suas atribuições; e níveis de satisfação da mãe elevados estão associados a um decréscimo de desajuste psicológico percebido pela mãe.

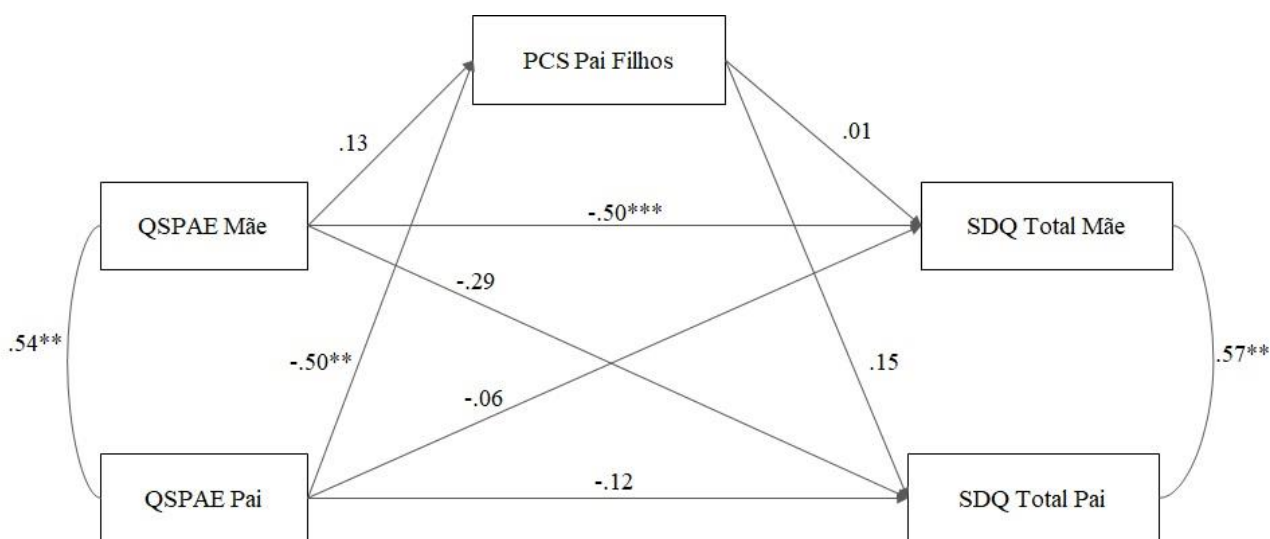


Figura 3. Coeficientes estandardizados para o modelo de mediação da satisfação parental dos pais no ajustamento psicológico através das atribuições parentais com foco nos filhos (N= 48).

Discussão

A literatura empírica tem demonstrado consistência acerca do impacto que as percepções parentais, a satisfação parental e a capacidade dos pais em manter um equilíbrio entre o papel parental e outros papéis sociais, têm no desenvolvimento social, emocional e comportamental das crianças (Bornstein, 2016; Galambos et al., 2003). Embora a literatura reconheça a relevância e demonstre consistência nos seus resultados relativamente às variáveis cognitivas (sentido de competência parental e atribuições parentais disfuncionais) e afetivas (satisfação parental) da parentalidade, tanto quanto sabemos, são ainda escassos os estudos acerca da similaridade parental nessas mesmas variáveis.

Assim, o presente estudo teve como finalidade contribuir para o aprofundamento do conhecimento científico acerca da parentalidade e do seu impacto no ajustamento psicológico dos filhos. Pretendeu-se, mais concretamente, estudar a relação entre diferentes variáveis, nomeadamente, o sentido de competência parental - eficácia e satisfação parental -, as atribuições parentais e o ajustamento dos filhos, em casais com filhos pequenos (6-12 anos), bem como analisar as semelhanças inter-parentais em relação às variáveis supracitadas sobre o ajustamento psicológico dos filhos.

No presente estudo, foi colocada uma questão exploratória em relação à similaridade inter-parental relativamente ao sentido de competência parental (percepção de eficácia e satisfação parental), às atribuições disfuncionais e à percepção de ajustamento psicológico dos filhos. De acordo com os resultados obtidos, exceto na variável sentido de competência parental - eficácia e satisfação parental - onde a associação não se verificou significativa, foram encontradas associações positivas, particularmente nas atribuições disfuncionais (quer nas com foco na causalidade dos pais, quer nas atribuições disfuncionais com foco na responsabilidade dos filhos), na percepção de ajustamento psicológico dos filhos e na satisfação parental (quando avaliada através do instrumento QSPAЕ mas não quando avaliada através do SPC). Nas duas últimas variáveis mencionadas, o casal apresentou uma correlação positiva de forte intensidade, que se traduz num perfil semelhante, por outras palavras, congruência, nas respostas dadas por ambos. No que se refere às atribuições parentais, quer nas atribuições disfuncionais com foco na causalidade dos pais, quer nas atribuições disfuncionais com foco na responsabilidade dos filhos, o casal apresentou apenas uma correlação positiva moderada.

No que diz respeito ao sentido de competência parental - eficácia e satisfação parental – não se verificou uma relação significativa entre os *scores* da mãe e os *scores* dos pais. Estes resultados podem, eventualmente, explicar-se por diferentes significações de satisfação e eficácia em função do género ou, ainda, pela reduzida dimensão da amostra diádica.

Existem evidentemente diferenças entre a socialização dos homens e a das mulheres relativamente às crianças, o que acaba por tornar mais provável que pais e mães difiram nas suas atitudes e valores no que ao criar os filhos diz respeito (Whiteside-Mansell, Bradley, & Rakow, 2001). A literatura empírica concentra-se principalmente no comportamento das mães pois durante muito tempo a figura paternal não suscitava interesse particular às áreas de investigação (Cabrera, Volling, & Barr, 2018; Gugliandolo, Mavroveli, Costa, Cuzzocrea, & Larcán, 2019). Atualmente, cada vez mais os investigadores sublinham a necessidade de aprofundar o conhecimento acerca do comportamento paterno, visto que a literatura – inclusive os resultados do presente estudo - mostra existirem não só semelhanças (Chi, Epstein, Fang, Lam, & Li, 2013; Whiteside-Mansell et al., 2001) como também diferenças nos comportamentos parentais (Cabrera et al., 2018; Gugliandolo et al., 2019; Hughes, Lindberg, & Devine, 2018).

Relativamente à primeira hipótese - *quanto maior for o sentido de competência parental – percepção de autoeficácia e satisfação parental -, quer das mães quer dos pais, menos problemas apresentará a criança, traduzindo um melhor ajustamento psicológico* -, os resultados apoiam-na, uma vez que existe uma associação negativa, moderada e significativa, entre o sentido de competência parental – eficácia e satisfação parental – e o ajustamento psicológico dos filhos, quer nos pais quer nas mães. Como demonstrado na revisão de literatura, o sentido de competência parental é um conceito complexo que abrange diversos componentes associados ao exercício da parentalidade e que, conseqüentemente, têm impacto direto ou indireto na vida dos filhos (Bornstein et al., 2003). Os resultados do presente estudo são, pois, coerentes com estudos prévios, revelando que quanto maior for o sentido de competência dos pais, menor será o desajustamento psicológico das crianças. Tais resultados podem ser sustentados pelo facto de elevados níveis de autoeficácia e satisfação parental se demonstrarem associados a uma parentalidade mais calorosa e responsiva (e.g., Bornstein et al., 2003; Bornstein et al., 2007; Coleman & Karraker, 1998).

No contexto da parentalidade, o sentido de competência parental - eficácia e satisfação parental – tem sido considerado pelos autores que abordam as cognições parentais como um construto de grande importância, uma vez que está fortemente associado às práticas parentais, bem como às estratégias parentais adotadas, nomeadamente na escolha de ambientes relacionais mais educativos e de maior qualidade que ajudam na maximização do desenvolvimento comportamental e emocional das crianças (Bornstein et al., 2003; Jones & Prinz 2005; Meunier & Roskam, 2009).

A segunda hipótese - *em pais e mães, as atribuições disfuncionais com foco na responsabilidade da criança e com foco na causalidade dos pais, associam-se positivamente a problemas nas crianças, ou seja, refletindo um menor ajustamento psicológico da criança* - é parcialmente suportada, na medida em que apenas se verificou uma associação significativa no caso das mães. Destaca-se ainda que, no caso das mães, se constatou uma correlação positiva de forte intensidade entre as atribuições disfuncionais com foco na responsabilidade dos filhos e o ajustamento psicológico dos filhos. Relativamente à associação entre atribuições disfuncionais das mães com foco na causalidade dos pais e o ajustamento psicológico dos filhos, a correlação foi positiva e significativa, mas de intensidade moderada. Os resultados destacam, assim, a importância e o impacto das cognições parentais, neste caso das atribuições, podendo sugerir, tal como é referido na literatura, que medeiam as respostas afetivas e comportamentais dos pais perante o comportamento dos seus filhos (Dix & Grusec, 1985).

Como supracitado, a associação de maior intensidade foi observada entre as atribuições disfuncionais das mães com foco na responsabilidade dos filhos e o ajustamento psicológico dos filhos, o que pode indicar que as mães veem os filhos como tendo mais poder e controlo sobre o próprio comportamento, o que conduz a práticas parentais mais disfuncionais, afetando, conseqüentemente, o bem-estar emocional dos filhos (Jacobs et al., 2017). Esta associação é também congruente com os resultados de Colalillo et al. (2015) que evidenciaram uma forte correlação entre as atribuições parentais focadas na responsabilidade dos filhos e problemas de internalização e externalização da criança. Poder-se-á também hipotetizar uma relação de circularidade (Fernandes et al., 2019) em que o comportamento negativo e inadequado das crianças desencadeia nos pais um aumento da frustração e fadiga, aumentando a tendência para atribuições focadas na criança, o que pode perpetuar práticas parentais negativas e,

consequentemente, “amplificar” os problemas comportamentais e emocionais dos filhos (Mattek et al., 2016).

A terceira hipótese relativa à *associação negativa entre as atribuições disfuncionais e o sentido de competência parental - eficácia e satisfação parental* -, foi confirmada. Isto é, os resultados mostraram que quanto mais as mães se percebem como eficazes e se sentem satisfeitas, menos atribuições disfuncionais fazem. Estes resultados vão ao encontro do estudo de Snarr et al. (2009) que demonstrou uma associação negativa entre as atribuições parentais disfuncionais e a satisfação parental. A auto-percepção de eficácia e a satisfação parental podem levar a uma maior expressão de emoções positivas e a uma maior atribuição de sucesso às capacidades e esforços dos filhos, o que potencialmente pode diminuir as atribuições parentais disfuncionais (Enlund et al., 2015).

A quarta hipótese do presente estudo - *em pais e em mães, a percepção de eficácia, a satisfação parental e as atribuições disfuncionais de causalidade dos pais e de responsabilidade dos filhos, são preditores do ajustamento psicológico dos filhos* - é apenas parcialmente suportada, uma vez que apenas se verificou o efeito preditor da satisfação parental das mães e das atribuições disfuncionais das mesmas. Note-se que, na análise dos preditores, apenas nos focámos nas variáveis com maior evidência de semelhança inter-casal. Os resultados relativos aos dois modelos de mediação revelam que quanto maior a satisfação parental da mãe menor a sua percepção de problemas nos filhos. Deste modo, a satisfação das mães é um preditor da sua percepção de ajustamento psicológico dos filhos. A satisfação com o exercício da parentalidade, segundo a literatura empírica, tem sido apontada como uma dimensão que tem impacto nas práticas parentais positivas adotadas pelos pais, o que, consequentemente, irá influenciar o bem-estar dos filhos. Segundo Oliveira e Costa (2005), a variável satisfação parental tem impacto nas atitudes que os pais têm para com os filhos, assim como na sua relação com eles. No mesmo sentido, Jeong e Kim (2016) sublinham que o bem-estar e satisfação dos pais está associado a um maior investimento e cuidado com os filhos, ou seja, a um comportamento parental positivo.

Verificou-se, ainda, que níveis mais elevados de atribuições disfuncionais por parte das mães estão associados à percepção parental (quer dos pais, quer das mães) de mais problemas nos filhos, o que é coerente com os resultados encontrados no estudo de Colalillo et al. (2015) e no estudo de Fernandes et al. (2019). O estudo de Fernandes et

al. (2019) mostrou ainda que as mães, comparativamente com os pais, apresentam níveis mais elevados de atribuições disfuncionais focadas na responsabilidade da criança. Uma das possíveis justificações para estes resultados foi sugerida por Nelson, O'Brien, Calkins, e Keane (2013), que mostraram que quando os pais, neste caso em concreto as mães, interpretam o comportamento dos filhos como malicioso (aumentando as atribuições disfuncionais), estão mais propensos a observar e reportar problemas comportamentais nos filhos. Estes resultados podem também sugerir que as mães, (apesar de se estar a caminhar numa direção que promove a igualdade de papéis, mais concretamente no que diz respeito aos papéis parentais) por ainda sentirem pressionadas por elas próprias e pela sociedade a serem “excelentes mães”, estão mais suscetíveis à frustração e ao sentimento de ineficácia parental perante os comportamentos negativos e inadequados dos filhos, contribuindo, assim, para um aumento das atribuições disfuncionais e, conseqüentemente, para a um exercício negativo da parentalidade.

Adicionalmente, relativamente a efeitos preditores, verificou-se também que níveis mais elevados de satisfação da mãe e do pai estão associados a uma menor disfuncionalidade das atribuições da mãe com foco nos filhos; e níveis de satisfação do pai mais elevados estão associados a menor disfuncionalidade das suas atribuições. Os resultados são congruentes com a literatura (Snarr et al., 2009), uma vez que, quando existe uma prevalência de atribuições parentais disfuncionais, a satisfação parental diminui. Estes resultados podem sugerir que quando os pais se sentem mais satisfeitos com o exercício do papel parental e experienciam mais emoções positivas em situações específicas do quotidiano (Enlund et al., 2015), fazem mais atribuições funcionais (ao invés de disfuncionais), onde associam o sucesso dos filhos às capacidades e esforços dos mesmos.

Por fim, os resultados relativos à quinta e última hipótese do presente estudo - *as atribuições parentais (do pai e da mãe) desempenham um papel mediador na relação entre satisfação parental (do pai e da mãe) e o ajustamento psicológico da criança (percebido pelo pai e pela mãe)* - apontam para um suporte parcial da mesma. Desta forma, os resultados mostraram que quanto maior a satisfação materna, menos atribuições maternas disfuncionais com foco na responsabilidade dos filhos, e, conseqüentemente, menos problemas de ajustamento psicológico, percebidos quer pelos pais quer pelas mães. Estes resultados vão assim ao encontro do estudo de Snarr et al. (2009), onde as atribuições disfuncionais foram negativamente associadas à satisfação parental, o que

evidentemente se reflete no ajustamento das crianças, uma vez que as atribuições parentais são a “bússola” que orienta o comportamento parental, e o sentido de competência (eficácia e satisfação parental) é a “balança” que ajuda os pais a manterem um equilíbrio.

Sublinhe-se, ainda, a transversalidade dos resultados significativos encontrados sobretudo no que diz respeito às mães (e não aos pais): e.g., associação entre atribuições disfuncionais e perceção de ajustamento psicológico dos filhos; associação entre atribuições disfuncionais e sentido de competência parental (sentido de eficácia e satisfação); o efeito preditor da satisfação parental das mães e das suas atribuições disfuncionais na perceção de ajustamento psicológico dos filhos; o papel mediador das atribuições maternas com foco nos filhos na relação entre satisfação da mãe e perceção parental de ajustamento psicológico dos filhos. De facto, a parentalidade continua a ser fortemente associada a um maior número de mudanças na vida das mães do que na vida dos pais, uma vez que o papel de “principais cuidadoras” permanece culturalmente enraizado (Pinquart & Teubert, 2010). Isto pode significar que, apesar de os pais (masculinos) atualmente “assumirem” fortes convicções acerca de uma maior igualdade na divisão de tarefas, assim como nos papéis familiares, existe ainda um notável distanciamento entre aquilo que são as suas ideologias e a prática (Martins, Abreu, & Figueiredo, 2014). Assim, estes resultados podem explicar-se por um maior envolvimento da mãe, comparativamente com o pai, no exercício da parentalidade, com uma presença mais marcada no acompanhamento quotidiano dos filhos e um papel mais ativo na orientação e regulação do seu comportamento. Será, pois, plausível que, no que toca à parentalidade, os casais continuem ainda a organizar-se segundo referenciais tradicionais, onde se espera que a mãe tenha um papel de “bússola maior”.

Limitações, Forças e Pistas para Estudos Futuros

O presente estudo apresenta algumas lacunas que devem ser tidas em consideração. Primeiramente, destaca-se a situação de pandemia vivida à data da recolha de dados (Covid-19), que se revelou uma limitação no sentido em que a aplicação dos protocolos deixou de ser presencial para, após algumas adaptações, passar a ser via e-mail. Este novo meio de recolha não só limitou o controlo participantes (e.g. assegurar que o casal não comunicava durante o preenchimento do protocolo como previamente

solicitado), como também impossibilitou o esclarecimento de eventuais dúvidas durante o preenchimento do protocolo, o que poderá ter influenciado as respostas dos participantes, levando até à ausência de algumas respostas.

A reduzida dimensão da amostra acabou por ser uma condicionante nas operações estatísticas realizadas, uma vez que se revelou um impedimento para a realização de análises mais robustas e complexas. Deste modo, os *outputs* da presente investigação devem ser vistos como pistas pertinentes e de interesse para reflexão clínica, não como dados adquiridos ou conclusões indubitáveis.

Uma outra limitação prende-se com o facto de os protocolos serem apenas dirigidos aos pais, tendo assim apenas a perspectiva destes. Tratando-se de um estudo no âmbito da parentalidade, seria pertinente considerar a narrativa dos filhos. Para isso, em estudos futuros, seria interessante a utilização de uma abordagem mista que permitisse combinar diferentes métodos e fontes como, por exemplo, observação de interações entre pais e filhos, métodos de recolha através dos filhos (e.g., desenhos) para assim ser possível aumentar a precisão e a confiança nos resultados. A triangulação de metodologias poderia revelar-se uma importante mais-valia, combinando múltiplas fontes (e.g., mães, pais, crianças e professores) e metodologias (e.g., qualitativas e quantitativas), pois constituiria uma importante fonte de enriquecimento em estudos sobre a parentalidade.

Ainda a nível metodológico, importa destacar que o facto de o presente estudo apresentar um desenho de natureza transversal impossibilita o estabelecimento de relações de causalidade entre diferentes as variáveis, pois os dados são referentes a apenas um único momento. Deste modo, seria importante e relevante em estudos futuros recorrer a uma metodologia de natureza longitudinal, o que permitirá não só estudar o “comportamento” das variáveis ao longo do tempo mas também ultrapassar esta limitação.

No que concerne ao plano analítico, a semelhança do casal foi estimada, partindo da construção de correlações de perfil gerais. A literatura ilustra que existem vários procedimentos estatísticos (e.g. perfil normativo ou semelhança distintiva) que também podem ser utilizados para refletir a semelhança intra-casal. Em consequência, medidas distintas de semelhança podem gerar resultados alternativos, atenuando as correlações de perfil gerais estimadas (e.g., Klimstra, Luyckx, Hale, Goossens, & Meeus, 2010). Estudos

futuros devem procurar ilustrar de que forma diferentes medidas de semelhança podem contribuir para clarificar a operacionalização deste constructo e, também, de que forma o perfil de semelhança se mantém estável ao longo do tempo, o que sugere a necessidade de se avaliar a semelhança em contexto longitudinal.

De referir, ainda, que os modelos de predição e mediação foram condicionados em função da dimensão da amostra. Apesar de modularem a relação ao nível do casal, e a consequente dependência dos *scores*, não permitiram a inclusão de um maior número de preditores, nem a estimação de mediações paralelas. Assim, os modelos obtidos são saturados e não forneceram índices de ajustamento, pressupondo um ajuste perfeito aos dados. Abordagens alternativas (e.g., modelos parcialmente saturados) devem ser consideradas para estimação de modelos com número reduzido de graus de liberdade, em função da reduzida dimensão da amostra (Ryu, 2014).

Contudo, apesar das limitações anteriormente enumeradas, o presente estudo apresenta alguns aspetos que podem ser vistos como “forças”, nomeadamente, a inclusão do pai. Para além de integrar o seu relato em relação ao sentido de competência parental – eficácia e satisfação parental - e às atribuições parentais, abrange também a sua perceção relativamente ao ajustamento psicológico dos filhos. Como supracitado na discussão, a literatura empírica tem-se focado maioritariamente no comportamento das mães (Cabrera et al., 2018; Gugliandolo et al., 2019), daí a inclusão da perspetiva da figura paterna ser vista como uma “mais valia” neste estudo.

Também a análise do perfil de semelhança do casal parental constitui um contributo relevante, uma vez que a literatura neste âmbito é escassa, e salienta a necessidade de aprofundar o conhecimento relativamente às semelhanças (Chi et al., 2013; Whiteside-Mansell et al., 2001), assim como às diferenças nos comportamentos parentais (Cabrera et al., 2018; Gugliandolo et al., 2019; Hughes et al., 2018).

Contributos e Implicações para a Intervenção

Os resultados do presente estudo constituem não apenas um contributo para a reflexão científica acerca da parentalidade mas também uma fonte de reflexão sobre a intervenção preventiva e terapêutica no âmbito da parentalidade.

Os resultados relativos ao perfil de semelhança, bem como os resultados que evidenciam diferenças entre pais e mãe, constituem um contributo relevante para a intervenção preventiva e terapêutica, uma vez que apontam para a necessidade de se considerarem atentamente semelhanças e diferenças associadas a “pontos de sintonia” e “pontos de discórdia”, para que se possam explorar estratégias que conduzam ao equilíbrio no exercício dos papéis parentais.

Adicionalmente, os resultados do presente estudo contribuem para uma reflexão crítica que poderá orientar a procura de soluções e intervenções que ajudem os pais a sentirem-se competentes, eficazes e satisfeitos com o exercício do papel parental, sendo esperado que isso se reflita no ajustamento dos filhos. Os resultados mostram também o impacto das cognições parentais no ajustamento dos filhos, sendo desse modo relevante refletir e levar a cabo intervenções (preventivas e terapêuticas) que forneçam ferramentas aos pais para que estes se sintam capazes de seguir o caminho de uma “parentalidade positiva”.

No seguimento da premissa anterior, seria pertinente investir-se em intervenções centradas nas cognições parentais, especialmente, nas atribuições, para que haja uma maior compreensão por parte dos pais acerca da influência e impacto que estas têm nos comportamentos parentais e conseqüentemente na vida dos filhos. Adicionalmente, sessões de sensibilização em casal ou em grupo de pais, informativas e reflexivas acerca dos aspetos característicos das fases de desenvolvimento infantil, poderiam ser benéficas, uma vez que poderiam conduzir a uma maior consciencialização dos pais acerca do “porquê” de determinados comportamentos dos filhos, contribuindo também para a alteração da disfuncionalidade das atribuições (e de expectativas irrealistas).

Conclusão

No mundo, todos os dias, adultos mergulham no “mar da parentalidade”, onde existem marés de prazer mas também de grande dificuldade, que exigem um grande esforço e dedicação (Bornstein, 2016; Meunier & Roskam, 2009). Assim, os resultados do presente estudo representam um “sinal de alerta” para a importância das cognições parentais e da satisfação, uma vez que se refletem no bem-estar dos filhos de forma evidente (Bornstein, 2016; Colalillo et al., 2015; Coleman & Karraker, 1998; Dix & Grusec, 1985; Fernandes et al., 2019; Galambos et al., 2003; Meunier & Roskam, 2009;

Snarr et al., 2009). Revela-se assim crucial o entendimento de tais processos para aumentar a eficácia das intervenções preventivas e terapêuticas.

O sentido de competência parental - eficácia e satisfação parental – e as atribuições parentais têm sido reconhecidas como variáveis de grande relevo na vida das crianças, dos pais e, conseqüentemente, no sistema familiar, mostrando-se assim variáveis pertinentes e importantes “alvos” aquando da intervenção terapêutica. O presente estudo vem reforçar a necessidade de expandir o entendimento não só sobre a relação entre as variáveis explanadas mas também acerca das diferenças e semelhanças entre pais e mães no exercício da parentalidade. Os resultados revelam-se ainda interessantes no sentido de “alargar horizontes” para futuras investigações, considerando as limitações metodológicas apontadas.

Assim, destaca-se a relevância e pertinência da presente investigação acerca das “bússolas”- atribuições parentais - que orientam os pais e mães no exercício do papel parental, e as “balanças”- sentido de competência parental (eficácia e satisfação parental) - que os ajudam a chegar a um equilíbrio, contribuindo para o enriquecimento do conhecimento científico acerca da parentalidade e dando “pistas” à intervenção no âmbito da parentalidade.

Referências Bibliográficas

- Angle, M., Divney, A., Magriples, U., & Kershaw, T. (2015). Social support, family functioning and parenting competence in adolescent parents. *Maternal and Child Health Journal, 19*(1), 67-73. doi: 10.1007/s10995-014-1496-x
- Ardelt, M., & Eccles, J. S. (2001). Effects of mothers' parental efficacy beliefs and promotive parenting strategies on inner-city youth. *Journal of Family Issues, 22*, 944-972. doi: 10.1177/019251301022008001
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child Development, 55*, 83-96. doi: 10.2307/1129836
- Beckerman, M., van Berkel, S. R., Mesman, J., & Alink, L. R. (2017). The role of negative parental attributions in the associations between daily stressors, maltreatment history, and harsh and abusive discipline. *Child Abuse & Neglect, 64*, 109–116. doi:10.1016/j.chiabu.2016.12.015
- Bor, W., & Sanders, M. R. (2004). Correlates of self-reported coercive parenting of preschool-aged children at high risk for the development of conduct problems. *Australian and New Zealand Journal of Psychiatry, 38*, 738–745. doi: 10.1080/j.1440-1614.2004.01452.x
- Bornstein, M. H. (2016). Determinants of parenting. In D. Cicchetti (Ed.), *Developmental psychopathology: risk, resilience, and intervention* (3rd ed., Vol. 4, pp. 180–270). Hoboken, NJ: Wiley.
- Bornstein, M. H., Hendricks, C., Hahn, C. S., Haynes, O. M., Painter, K. M., & Tamis-LeMonda, C. S. (2003). Contributors to self-perceived competence, satisfaction, investment, and role balance in maternal parenting: A multivariate ecological analysis. *Parenting: Science and Practice, 3*(4), 285-326. doi: 10.1207/s15327922par0304_2
- Bornstein, M. H., Hendricks, C., Haynes, O. M., & Painter, K. M. (2007). Maternal sensitivity and child responsiveness: Associations with social context, maternal characteristics, and child characteristics in a multivariate analysis. *Infancy, 12*(2), 189-223. doi: 10.1111/j.1532-7078.2007.tb00240.x

- Bornstein, M. H., Putnick, D. L., & Lansford, J. E. (2011). Parenting attributions and attitudes in cross-cultural perspective. *Parenting: Science and Practice, 11*, 214–237. doi:10.1080=15295192.2011. 585568
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments by nature and design*. Cambridge: Harvard University Press.
- Bugental, D. B., Blue, J., & Cruzcosa, M. (1989). Perceived control over caregiving outcomes: Implications for child abuse. *Developmental Psychology, 25*(4), 532. doi: 10.1037/0012-1649.25.4.532
- Cabrera, N.J., Volling, B.L., Barr, R., (2018). Fathers Are Parents, Too! Widening the lens on parenting for children's development. *Child Development Perspectives, 12*(3), 152-157. doi: 10.1111/cdep.12275
- Chi, P., Epstein, N. B., Fang, X., Lam, D. O., & Li, X. (2013). Similarity of relationship standards, couple communication patterns, and marital satisfaction among chinese couples. *Journal of Family Psychology, 27*(5), 806. doi: 10.1037/a0034113
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2nd ed.). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Colalillo, S., Miller, N. V., & Johnston, C. (2015). Mother and father attributions for child misbehavior: Relations to child internalizing and externalizing problems. *Journal of Social and Clinical Psychology, 34*(9), 788-808. doi: 10.1521/jscp.2015.34.9.788
- Coleman, P. K., & Karraker, K. H. (1998). Self-efficacy and parenting quality: Findings and future applications. *Developmental Review, 18*, 47-85. doi: 10.1006/drev.1997.0448
- Cruz, O. (2014). Que parentalidade? A tutela cível do superior interesse da criança. Tomo III.
- Dix, T. (1991). The affective organization of parenting: Adaptive and maladaptive processes. *Psychological Bulletin, 110*(1), 3. doi: 10.1037/0033-2909.110.1.3
- Dix, T., & Grusec, J. (1985). Parent attributional processes in the socialization of children. In I. Sigel, A. McGillicuddy-DeLisi, & J. Goodnow (Eds.), *Parental belief systems:*

The psychological consequences for children (pp. 201-233). London, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.

- Dix, T., Ruble, D. N., Grusec, J. E., & Nixon, S. (1986). Social cognition in parents: Inferential and affective reactions to children of three age levels. *Child Development, 57*(4), 879–894. doi: 10.2307/1130365
- Dunning, M. J., & Giallo, R. (2012). Fatigue, parenting stress, self-efficacy and satisfaction in mothers of infants and young children. *Journal of Reproductive and Infant Psychology, 30*(2), 145–159. doi: 10.1080/02646838.2012.693910
- Enlund, E., Aunola, K., Tolvanen, A., & Nurmi, J. E. (2015). Parental causal attributions and emotions in daily learning situations with the child. *Journal of Family Psychology, 29*(4), 568. doi: 10.1037/fam0000130
- Ferreira, B., Monteiro, L., Fernandes, C., Cardoso, J., Veríssimo, M., & Santos, A. (2014). Percepção de competência parental: exploração de domínio geral de competência e domínios específicos de auto-eficácia, numa amostra de pais e mães portuguesas. *Análise Psicológica, 2*(32), 155-166. doi: 10.14417/ap.854
- Fernandes, M., Narciso, I., Pedro, M., & Roberto, M. S. (2019). Portuguese version of the parent cognition scale (PCS): Measuring parental attributions about children's misbehavior. *Journal of Child and Family Studies, 1-12*. doi: 10.1007/s10826-018-01321-4
- Fleitlich, B., Loureiro, M. J., Fonseca, A., & Gaspar, F. (2004). *Questionário do SDQ, versão traduzida e adaptada para a população portuguesa*. Retirado de <http://www.sdqinfo.org>
- Galambos, N. L., Barker, E. T., & Almeida, D. M. (2003). Parents do matter: Trajectories of change in externalizing and internalizing problems in early adolescence. *Child Development, 74*, 578 – 594. doi: 10.1111/1467-8624.7402017
- Gibaud-Wallston, L., & Wandersman, L. P. (1978). *Development and utility of the parenting sense of competence scale*. In American psychological association meeting. Toronto, Canada.

- Goodman, R. (1997). The strengths and difficulties questionnaire: a research note. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 38(5), 581–586. doi: 10.1111/j.1469-7610.1997.tb01545.x
- Grady, J. S., & Karraker, K. (2016). Mother and child temperament as interacting correlates of parenting sense of competence in toddlerhood. *Infant and Child Development*, 26(4). doi: 10.1002/icd.1997
- Guba, E. G., & Lincoln, Y. S. (1994). Competing paradigms in qualitative research. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *Handbook of Qualitative Research* (pp. 105-117). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Gugliandolo, M. C., Mavroveli, S., Costa, S., Cuzzocrea, F., & Larcan, R. (2019). The relative contribution of parenting practices in predicting trait emotional intelligence in an Italian adolescent sample. *British Journal of Developmental Psychology*, 37(4), 585-599. doi: 10.1111/bjdp.12299
- Hughes, C., Lindberg, A., & Devine, R. T. (2018). Autonomy support in toddlerhood: Similarities and contrasts between mothers and fathers. *Journal of Family Psychology*, 32(7), 915. doi: 10.1037/fam0000450
- Iacobucci, D., Saldanha, N., & Deng, X. (2007). A meditation on mediation: Evidence that structural equations models perform better than regressions. *Journal of Consumer Psychology*, 17:139. doi: 10.1016/S1057-7408(07)70020-7
- Jacobs, M., Woolfson, L. M., & Hunter, S. C. (2017). Parental attributions of control for child behaviour and their relation to discipline Practices in parents of children with and without developmental delays. *Journal of child and family studies*, 26(6), 1713-1722. doi: 10.1007/s10826-017-0676-x.
- Jeong, M. & Kim, H. (2016). Factors influencing parental satisfaction of mothers with preschool children. *Korean Society of Women Health Nursing*, 22(3), 117-127. doi: 10.4069/kjwhn.2016.22.3.117
- Johnston, C., & Mash, E. J. (1989). A measure of parenting satisfaction and efficacy. *Journal of Clinical Child Psychology*, 18, 167–175. doi: 10.1207/s15374424jccp1802_8

- Jones, T., & Prinz, R. (2005). Potential roles of parental self-efficacy in parent and child adjustment: A review. *Clinical Psychology Review, 25*(3), 341–363. doi: 10.1016/j.cpr.2004.12.004
- Klimstra, T. A., Luyckx, K., Hale, W. W., 3rd, Goossens, L., & Meeus, W. H. (2010). Longitudinal associations between personality profile stability and adjustment in college students: distinguishing among overall stability, distinctive stability, and within-time normativeness. *Journal of Personality, 78*(4), 1163–1184. doi: 10.1111/j.1467-6494.2010.00646.x
- Knofczynski, G. T., & Mundfrom, D. (2008). Sample sizes when using multiple linear regression for prediction. *Educational and Psychological Measurement, 68*(3), 431–442. doi: 10.1177/0013164407310131
- Latham, R. M., Mark, K. M., & Oliver, B. R. (2018). Coparenting and children's disruptive behavior: Interacting processes for parenting sense of competence. *Journal of Family Psychology, 32*(1), 151. doi: 10.1037/fam0000362
- Little, R. (1988) A test of missing completely at random for multivariate data with missing values. *Journal of the American Statistical Association, 83*(404), 1198-1202. doi: 10.2307/2290157
- Luo, S., Chen, H., Yue, G., Zhang, G., Zhaoyang, R., & Xu, D. (2008). Predicting marital satisfaction from self, partner, and couple characteristics: Is it me, you, or us? *Journal of Personality, 76*(5), 1231–1266. doi: 10.1111/j.1467-6494.2008.00520.x
- Martins, C. A., Abreu, W. J. C. P., & Figueiredo, M. C. A. B. (2014). Torna-se pai e mãe: Um papel socialmente construído. *Revista de Enfermagem Referência, 4*(2), 121-131. doi: 10.12707/RIII1394
- Mattek, R. J., Harris, S. E., & Fox, R. A. (2016). Predicting treatment success in child and parent therapy among families in poverty. *The Journal of Genetic Psychology, 177*(2), 44-54. doi: 10.1080/00221325.2016.1147415
- Meunier, J., & Roskam, I. (2009). Self-efficacy beliefs amongst parents of young children: Validation of a selfreport measure. *Journal of Child & Family Studies, 18*, 495-511. doi: 10.1007/s10826-008-9252-8

- Miller, S. A. (1995). Parents' attributions for their children's behavior. *Child Development, 66*, 1557–1584. doi: 10.1111/j.1467-8624.1995.tb00952.x
- Miller, D., & Kunce, J. (1973) Prediction and statistical overkill revisited, *Measurement and Evaluation in Guidance, 6*(3), 157-163. doi: 10.1080/00256307.1973.12022590
- Narciso, I., & Santos, S. V. (2019). Questionário de satisfação parental e avaliação de expectativas. Documento Interno, Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Nelson, J. A., O'Brien, M., Calkins, S. D., & Keane, S. P. (2013). Mothers' and fathers' negative responsibility attributions and perceptions of children's problem behavior. *Personal Relationships, 20*, 719–727. doi: 10.1111/pere.12010
- Ngai, F. W., Chan, S. W. C., & Ip, W. Y. (2010). Predictors and correlates of maternal role competence and satisfaction. *Nursing Research, 59*(3), 185-193. doi: 10.1097/NNR.0b013e3181dbb9ee
- Nomaguchi, K. M. (2012). Parenthood and psychological well-being: Clarifying the role of child age and parent–child relationship quality. *Social Science Research, 41*, 489–498. doi: 10.1016/j.ssresearch.2011.08.001
- Nunnally, J.C., Bernstein, I.H., 1994. Psychological Theory. McGraw-Hill, New York, NY.
- Ohan, J.L., Leung, D.W., & Johnston, C. (2000). The Parenting Sense of Competence Scale: Evidence of a stable factor structure and validity. *Canadian Journal of Behavioural Science, 32*, 251–261. doi: 10.1037/h0087122
- Oliveira, J., & Costa, M. E. (2005). Estilos de vinculação e percepções de satisfação com os papéis parental e conjugal em tríades de famílias intactas. *Psicologia, 18*(2), 57-74.
- Pereira, A. V., Vieira, J. M., & Matos, P. M. (2017). Interface trabalho-família, vinculação romântica e parentalidade. *Análise Psicológica, 1*(35), 73-90. doi: 10.14417/ap.1071

- Pinquart, M., & Teubert, D. (2010). Effects of parenting education with expectant and new parents: A meta-analysis. *Journal of Family Psychology*, 24(3), 316-327. doi: 10.1037/a0019691
- R Core Team [Computer software]. (2020). *R: A language and environment for statistical computing*. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria. Retirado de <http://www.R-project.org/>.
- Ross-Plourde, M., & Basque, D. (2019). Motivation to become a parent and parental satisfaction: the mediating effect of psychological needs satisfaction. *Journal of Family Issues*, 40(10), 1255-1269. doi: 10.1177/0192513X19836458
- Rosseel, Y. (2012). lavaan: An R package for structural equation modeling. *Journal of Statistical Software*, 48(2), 1–36. Retirado de <http://www.jstatsoft.org/v48/i02/>.
- Ryu E. (2014). Model fit evaluation in multilevel structural equation models. *Frontiers in Psychology*, 5, 81. doi: 10.3389/fpsyg.2014.0008
- Seabra-Santos, M., Major, S., Pimentel, M., Gaspar, F., Antunes, N., Roque, V., 2015. Escala de Sentido de Competência Parental (PSOC): Estudos psicométricos. *Avaliação Psicológica*, 14, 97–106. doi:10.15689/ap.2015.1401.11
- Shumow, L., & Lomax, R. (2002). Parental efficacy: Predictor of parenting behavior and adolescent outcomes. *Parenting: Science and practice*, 2(2), 127-150. doi: 10.1207/S15327922PAR0202_03
- Snarr, J. D., Slep, A. M. S., & Grande, V. P. (2009). Validation of a new self-report measure of parental attributions. *Psychological Assessment*, 21(3), 390-401. doi: 10.1037/a0016331
- Weaver, C. M., Shaw, D. S., Dishion, T. J., & Wilson, M. N. (2008). Parenting self-efficacy and problem behavior in children at high risk for early conduct problems: The mediating role of maternal depression. *Infant Behavior and Development*, 31(4), 594-605. doi: 10.1016/j.infbeh.2008.07.006
- Weiner, B. (1995). *Judgments of responsibility: A foundation for a theory of social conduct*. New York: Guilford Press.

Whiteside-Mansell, L., Bradley, R. H., & Rakow, E. (2001). Similarities and differences in parental investment for mothers and fathers. *Journal of Family Issues*, 22, 63–74. doi:10.1177/019251301022001003